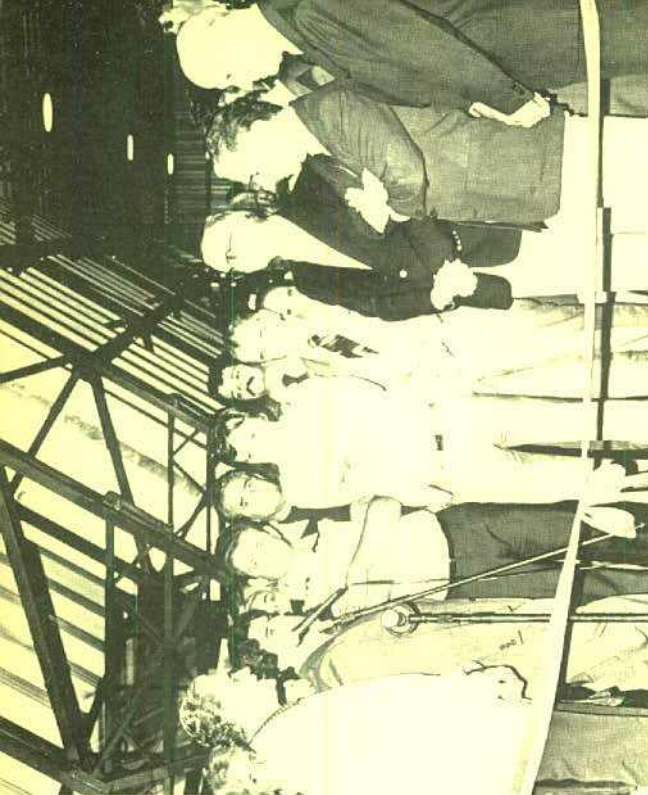


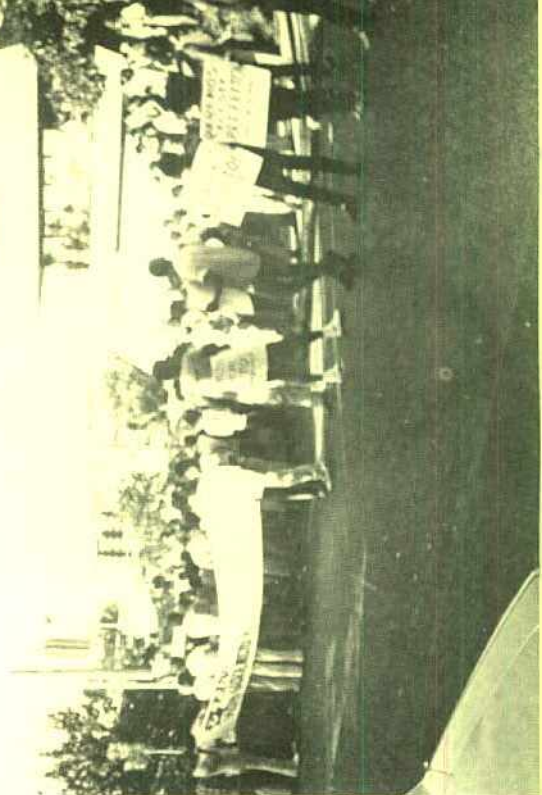


O prefeito de Foz em 1982, coronel Clóvis Cunha Vianna, discursa na inauguração do Ginásio Costa Cavalcanti. Na foto, Dona Léa (ao fundo, encoberta), Oliveira Junior, Tercio de Albuquerque, João Kuster, Antônio Mazurek, Emerson Peixoto de Oliveira, Hoskende Novais, Costa Cavalcanti, Ney Braga, e João Felício.

Joel Petroski

Retratos Foz do Iguaçu

Joel Petroski



Manifestação pró-eleição direta para prefeito em Foz do Iguaçu na frente da Câmara de Vereadores em 1983. De 1966 até 85, os prefeitos eram nomeados pelo governo federal.

impulso extraordinário a todos os setores da economia da cidade, mas o turismo já vinha se aquecendo há anos.

- Que outras ações desenvolveu no campo turístico?

- Fui fundador do Sindicato de Hotéis, no início da década de 70, e da Companhia de Melhoramentos Cataratas, com o objetivo de construir um centro de convenções. Guardo um artigo que escrevi para o jornal "Diário de São Paulo" justificando a iniciativa do centro de convenções.

- Que exposição de motivos fez?

- Mostrei que Foz do Iguaçu tinha condições de se tornar o maior centro turístico da América do Sul. Apresentei estatística do movimento turístico: 70 mil em 1966; 88 mil em 1967; 132 mil em 1968; e 255 mil em 1971. Estávamos no governo Figueiredo e eu levei a idéia do centro de convenções ao ministro Said Farah, que pediu um projeto arrojado e nos encaminhou ao arquiteto Oscar Niemeyer. Mas a proposta não prosperava. A Companhia Melhoramentos passou a lutar, até que enfim saísse o Centro Internacional de Convenções de Foz do Iguaçu. Foi uma idéia que lançamos ainda em 1972.

homem que atuou em praticamente todos os campos da vida de Foz do Iguaçu.

- O que mais sobre Antônio Ferreira Damião?

- Os documentos que guardo dele podem ajudar: a primeira carteira de motorista dele, tirada quando tinha 14 anos em 1925; brevê de piloto tirado em 1943; carteira de sócio da Associação Paulista de Imprensa (1935); da Liga Brasileira de Amadores de Radioemissão, sócio do Aeroclube de Santos (1945); primeira Carteira de Trabalho (1939), como jornalista de "A Comarca" e da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo.

- E a história continua, com os filhos, entre eles Osvaldo Ferraz Damião. Qual é a sua história em Foz?

- Montei a Agência de Turismo Alvorada e comecei a ir a São Paulo em busca de turistas através das agências de lá. Em poucos meses já estava com dez kombis transportando turistas. Meu pai tinha uma área de terras na Estrada das Cataratas. Resolvemos construir um hotel, e surgiu aí o Hotel Carmim, com 36 apartamentos. Depois os Bordin compraram o Hotel e venderam a Herminio Gatti, que o ampliou inteiramente.

- No final da década de 60 e início de 70, antes mesmo de Itaipu, o turismo já começava a desmanchar?

- Sim. A Ponte da Amizade foi inaugurada em 1965, a BR 277 estava sendo asfaltada (foi inaugurada em 1969) e o Aeroporto Internacional estava em construção. E a Estrada das Cataratas também foi asfaltada nesse período. O advento de Itaipu deu um

(Extrato da "Carta do Iguaçu" - Edição de 12/2/94)



Áurea Cunha

Osvaldo Pilatti

"Ali no aeroporto antigo, no GRESFI, não é laje, é estuque, tela esticada, capim e massa."

O mestre de obras, Osvaldo Pilatti, nasceu em 21/9/1925 em Guarapuava. Em 1939, então com 14 anos, ele veio para Foz do Iguaçu. Trabalhou na companhia Dona Bela e ingressou no Exército. Ele trabalhou na construção do 34º BIMtz, do antigo aeroporto, Bartolomeu Mire, do Hotel das Cataratas e da antiga Santa Casa Monsenhor Guilherme.

(Zé Beto Maciel)

- O sr. começou a trabalhar em 1940?

- Na Companhia Dola Bela.

- E o que fazia?

- Eu comecei a trabalhar de servente para atender os pedreiros. No quartel, eu trabalhava de pedreiro com o Araújo - o maneta -, por dois anos. Aí eu larguei, a firma foi embora e eu comecei a fazer biscoite, fazer um servicinho aqui, ali. Trabalhei até para o Luiz Schinke, reformei a casa dele e entrei no quartel. Sai, dei baixa, fui para Curitiba e regresssei em 50, casado e com um filho, o Luiz que nasceu aqui em Foz. Dali para cá, trabalhei em empreitada, como construtor.

- Trabalhou no Exército?

- Construi dois pavilhões. Daquelles antigos.

- Já como soldado?

- Como civil. Antes de incorporar eu trabalhei ali por hora, ganhava 1 cruzeiro e oitenta centavos, depois como especialista eu ganhava dois e cinquenta a hora.

- O sr. trabalhou na construção do hotel das Cataratas?

- Trabalhei um mês e pouco na Companhia Dola Bela, a companhia que fez a sede, a usina, eu trabalhei um mês rebocando a parede.

- Quando o sr. voltou em 50 já voltou com a olaria?

- Não, eu fiz a olaria em 62. De 64 até 65 eu trabalhei na olaria. Fazia tijolo quatro buraco e telha. Não, máquina não tinha. Era a muque manual. Eu comecei a cavar, cinco mil tijolo por dia. Não vendia, só tinha duas olarias, a do padre e a nossa. O resto era olaria puxada à cavalo, hoje tem olaria boa. Sempre trabalhei como mestre de obra. O trabalho era por metro quadrado pronto. Na frente do batalhão, eu fiz dois prédios para o velho Gomes, um com 35 por 36 com três pisos, onde é a farmácia com três pisos, aquele do Donaresk, depois fiz o prédio do Albino, do relojoeiro, quatro andares, depois fiz a casa do velho Gomes.

- Além de ser por metro quadrado, o senhor contratava pedreiro?

- Contratava pedreiro por hora. Quando eu fiz o prédio do posto, era um prédio com 3 costelas, onde ele repartiu com os filhos dele, levei 1 ano em meio. Depois fiz o prédio do finado Paganotto, em quatro meses com 10 pessoas. Tinha a minha firma, depois encostei.

- Como era a cidade naquela época?

- Tinha quatro prédios de material. Tinha do Acácio Pedroso, onde era o correio, a igreja em construção, a casa dos padres, a prefeitura que já estava pronta. O Hotel Casino Iguaçu, que estava em construção, que foi inaugurado em 41, tinha o Ritz aqui em baixo, ele era comerciante, a casinha era de madeira. Era uma rua. Tinha um na Schimmelpfeng em cima e o Botafogo, que hoje é a av. Brasil. O resto era só picada.

- **O sr. um dos primeiros empreiteiros a chegar em Foz?**
- Fui quase o primeiro, trabalhava com o Tadeu Gardolinski.
- **Onde o sr. aprendeu a construir?**
- Em 40 com a Dola Bela. Lá tinha um construtor alemão, ele puxava para o meu lado, me ensinava. Eu tinha cabeça boa, via alguém rebocar e já aprendia. No aeroporto no antigo, aeroporto onde é o Gresfi, no meio daquele pau torcido, eu reboquei naqueles vãos, ali é estuque.
- **O que é estuque?**
- É uma tela esticada por cima, põe capim e aí põe massa, vai escorando por baixo e faz aquela parede. Assim que foi feito, ali é tudo estuque e não laje.
- **Foi ali que o sr. aprendeu a construir com o alemão, como era o nome?**
- Gustavo, o sobrenome não lembro. Depois tinha o Araújo que se interessava por mim, ele era o contador da firma. Eu reboquei no quartel, reboquei muita parede e tijolo, só mexia com construção.
- **Qual foi o pique de mais obras em Foz?**
- De 75 pra cá. Tinha a casa do Gomes e as obras do Batalhão fiz num tempo só. Depois fiz do Albino, depois o do Gomes e por último o posto. Depois eu parei mais ou menos em 78, fiquei doente. Com o dinheiro que sobrou fiz o meu prédio. Não consegui aposentar, no tempo que eu trabalhei na Dola Bela, e em Curitiba dois anos e pouco na firma Marcos Baggio onde eu aprendi melhor. Trabalhei com outro Gustavo meu padrinho de casamento. Ele era
- empreiteiro e eu trabalhava por hora, 7 cruzeiros por hora. Depois vim para cá, perto da Marinha, trabalhei dois anos e pouco onde construí o grupo, o Mirre, o hospital Santa Casa e o Colégio Agrícola, eu fiz aquele muro de cerca, já era mestre de obra.
- **Além de construir, o senhor gostava de pescar, pescava bastante?**
- Pescava, pegava muito dourado, armava o espinhel na boca do Acaray. Bagre e curimba era pra isca. O dourado, surubi, pacu. Só pescava por esporte, só nos sábados. Às vezes, vendia algum surubi bonito. Meu irmão vendia com cabeça e tudo para o Batalhão. Naquela época tinha muito peixe, cinco ou seis surubis, até 10. Com remo, o rio era a mesma coisa. Ainda de vez em quando eu pesco. Agora só dá bagrinho.
- **Seu Osvaldo deu para juntar um dinheiro nessa época de construção?**
- Deu nada. Empreitada nunca dá, quando você paga os operários não sobra nada. Empreiteiro, construtor só ganha dinheiro se for ladrão. Mas honesto como eu era. Os construtores que vão pra frente, é porque rouba tudo, leva material dos outros e constrói para ele.
- **Barateou mais a obra agora?**
- A mão-de-obra. O material é mais caro. Naquele tempo pagava cinco cruzeiros o saco de cimento, o cimento e ferro sempre foi o mais caro, e a areia. A areia está mais cara. Esses dias eu comprei areia paguei R\$ 70. Agora tá R\$ 90. Seis metros cúbicos. O tijolo tá R\$ 115 o de seis buracos. De 20.
- **A sua empresa era familiar, seus filhos**
- trabalhavam nela?**
- Só nós da família mesmo. Pegava particular tinha firma registrada. Uma vez no prédio do batalhão trabalhei com 25 pessoas entre pedreiro, carpinteiro, onde tinha dois novatos e tinha 23 registrados. Peguei dois novatos, chegou um fiscal do Crea (Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia), e como só tinha uma semana que os dois estavam trabalhando me aplicaram uma multa de 800 cruzeiros para eles. Dali 11 meses mandaram uma multa de 11 mil e poucos cruzeiros. Quer dizer, os fiscais, os gatos, pegaram 900 paus pra cada um, não deram o nome nem nada. Dali um ano eles mandaram outra multa que eu peguei dinheiro com o Pedro Rodinski tive que tirar um dinheiro onde eu teria lucro por causa daqueles dois vagabundos. Naquele prédio do Rodinski eu tinha a minha firma registrada, era tudo misturado. Aquele prédio grande do Batalhão eu fiz só com o nome da minha firma, depois o outro eu fiz com o nome dele. Aquele prédio eu levei um ano e pouco. O engenheiro que fez a planta foi pro Rio de Janeiro e morreu. Ali que eu tive o lucro de um dinheiro.
- **Como o senhor comprou o seu terreno?**
- Esse terreno eu comprei de um vigarista comrade meu, ele comprou por cinco mil cruzeiros e me vendeu por 12. Era 30 por 60 (metros), eu paguei seis mil cruzeiros e a minha mãe seis. O juiz mandou ele pagar a Cisa - a dona na verdade. O juiz disse você paga ou lhe pico na cadeia. O terreno não era dele, era do Airton Ramos, da irmã dele. Ela quem me passou a escritura. Ele quase entrou no braço com o Chicão que era dele. Mas nenhum dos dois tinham pago. O cara naquela época fazia negócio sem dinheiro.
- **Da sua vivência como construtor em Foz?**
- A última obra que eu fiz foi a do Gomes daí eu parei.
- **Aquela do Pedrinho (avenida Brasil esquina com Jorge Samways) do lado da farmácia foi o sr. que fez?**
- Aquela foi um argentino que fez, para cima dele ali, tinha uma padaria, ali eu fiquei doente. Um ano eu fiquei internado por causa do forno, prejudiquei o pulmão, antes de 75, 74. Quando eu voltei, trabalhei de construtor.



Otília Ignéz Werner Friedrich

“Os revolucionários eram gente boa. Vinham muito lá em casa buscar leite, que eu dava sem cobrar porque tinha bastante”

Ela talvez seja a mais antiga moradora viva de Foz do Iguaçu. Otília Ignéz Werner Friedrich, cujos avós migraram da Alemanha para o Brasil, nasceu em Curitiba em 1904, filha de mãe nascida em alto-mar, e veio a Foz do Iguaçu em 1909. Casou com Hermann Friedrich e teve oito filhos que lhe deram 45 netos e 77 bisnetos. Seu irmão José Werner foi prefeito de Foz do Iguaçu.

(Juvêncio Mazzarollo)

- A senhora procurou saber por que seus avós migraram da Alemanha para o Brasil e por que se estabeleceram no Paraná?

- Pelo que eu soube, vieram porque preferiam lugar sossegado, viver no interior, longe das grandes cidades. Meu avô era marceneiro. Não sei como vieram da Alemanha nem por que escolheram Curitiba.

- Mas por que depois trocaram Curitiba por Foz do Iguaçu a senhora sabe?

- Pela mesma razão que trocaram a Alemanha pelo Brasil - o gosto de viver na natureza, longe de cidades e grandes concentrações populacionais. E Foz do Iguaçu, no início do século, era mato, natureza pura. Nós brincávamos lá na área onde está a Catedral, nos divertíamos vendo capivaras, veados e outros bichos do mato circulando perto de nossa casa.

- Animais ferozes também? Tigres, leões?

- Também. Certa vez, um tigre passou pertinho de minha mãe e só olhou para ela. Naquele tempo até os animais eram educados. Meu tio e minha mãe, com um bebê no colo, saíram a cavalo não sei para onde, no meio do mato. Junto iam outras famílias. A certa altura, o bebê começou a querer mamar. A mãe apeou do cavalo para dar de mamar. A caravana seguiu em frente e meu tio, Alfredo, que ficou junto com a mãe e o bebê, entrou no mato. Quando ele voltou, ela tinha esta história: “Alfredo, nunca vi uma coisa tão linda!” Alfredo perguntou: “Mas o que foi que viu de tão lindo?” Ela respondeu:

“Um gato tão grande, tão lindo! Ele passou pertinho de mim, só olhando...” Alfredo se arrepiou: “Rosa, pelo amor de Deus! Você viu um tigre. Só pode ser. Estamos viajando há três dias sem encontrar uma casa, por isso não pode haver gato doméstico neste mato”. De fato, o tigre passou por minha mãe e o bebê.

- Se o tigre estivesse com fome... Mas como vieram de Curitiba e como se estabeleceram em Foz do Iguaçu?

- Meu pai veio na frente, sozinho, em 1908, e se hospedou na sede da Marinha, até conseguir sua terra e seu barraco. Naquele tempo Foz do Iguaçu era Colônia Militar, que distribuía terra a quem pedisse. Nem se pagava a terra. Só se pagava a escritura. Meu pai requereu e conseguiu a área onde hoje está a Catedral. Lá ele construiu nossa primeira casa. Marceneiro que era, ele fez a casa e os móveis. A família ele trouxe no ano seguinte, em 1909.

- De que vivia a família nos primeiros tempos de Foz do Iguaçu?

- Meu pai mantinha a família fazendo construções de madeira e móveis. Ele foi o primeiro marceneiro de Foz do Iguaçu. Montou a primeira serralha do lugar.

- Como era a serralha? Movida a braço, certamente.

- Sim. Era assim: um buraco fundo no chão, com um homem dentro e outro fora. A tora era empurrada sobre o buraco e os dois homens iam serrando com uma serra grande. Depois meu pai conseguiu montar

uma serralha movida a água no rio Tamandará. Ainda hoje devem estar lá as canaletas que conduzem a água até a roda que movia a serra. O maquinário ele conseguiu através de minha tia, em Curitiba. Escreveu a ela contando das dificuldades que tinha para serrar madeira e derrubar mato. Ela resolveu o problema mandando a serralha para ele pagar quando pudesse. Vivíamos bem. Difícil era conseguir algum dinheiro. Tudo era muito barato. Não havia cidade. Nessa área onde estão a Polícia Federal e o Correio havia uma pastagem. Eu tinha cinco vacas, depois de casada, que pastavam na quadra onde hoje está a Escola São José.

- Seu pai ficou muito tempo com serralha?

- Ficou um bom tempo, mas teve que vender porque enquanto ele ficava em casa fazendo móveis, os peões da serralha, ao invés de trabalhar, iam caçar. Depois montou outra serralha na cidade, e ali teve uma desgraça. Subiu num andaime para escolher umas madeiras, caiu e quebrou a coluna. Ficou na cama pelo resto da vida, até morrer de derrame cerebral.

- Passando às histórias de sua própria vida: como foi seu casamento?

- Casei aos 17 anos com Hermann Friedrich, vindo da Alemanha aos 14 anos. A família dele morou no Paraguai. O pai dele era ferreiro. Havia um único ferreiro em Foz do Iguaçu, mas morreu. Os Friedrich souberam e vieram para cá substituí-lo. Meu marido Hermann ajudava seu pai na ferraria, mas depois montou uma oficina mecânica. Foi o primeiro mecânico de Foz do Iguaçu.

- Mas como era o namoro, o casamento,

a cerimônia e a festa para os noivos?

- O padre vinha de Guarapuava uma vez por ano, e ficava aqui 15 dias, no período da festa de São João Batista. Fazia batizados, casamentos, confissões. Muitos argentinos e paraguaios aproveitavam para vir batizar crianças e casar porque lá também não havia padres. A cerimônia religiosa do casamento era a mesma de hoje, só que mais simples. O casamento civil era feito pelo juiz na casa dos noivos. Para a festa do meu casamento minha mãe fez um jantar e só convidou o juiz e a esposa dele.

- Como conheceu o Hermann Friedrich?

- Quando os Friedrich vieram do Paraguai para tocar a ferraria não sabiam falar português. Jorge Schimmelpfeng indicou a eles a nossa família (Werner) para intérprete quando precisasse. Foi nisso que conheci o Hermann. Quando vinha lá em casa ficava me olhando, olhando, e eu ficava com raiva. Às vezes eu saía de casa e ele me acompanhava de longe, e eu brava com isso. Ele não me falava nada. Eu notava que ele queria me namorar, mas não dizia.

- Que artifício ele usou para enfim abrir o jogo?

- Certa vez, sendo Hermann mecânico, Jorge Schimmelpfeng o convidou para acompanhá-lo numa viagem a Curitiba com seu carro. Ele foi. Na viagem, Hermann foi dar manivela no carro, a manivela deu para trás e quebrou o braço dele. De volta a Foz, como não havia médico, Jorge Schimmelpfeng o encaminhou a Posadas para arrumar o braço. Antes de partir pediu à minha mãe se de Posadas podia mandar uma carta para mim. Mandou uma carta para minha mãe, que era

uma mãe para ele também, e um cartão para mim. Quando voltou começamos a namorar. Namorava na sala sem pegar na mão dele. Quando saía à rua minha irmã nos acompanhava.

- Seu marido foi mecânico. Mas havia carros para consertar? Quando chegaram aqui os primeiros carros?

- Não lembro o ano, mas quando Jorge Schimmelpfeng trouxe o primeiro carro eu ainda era menina. Depois a família Schinke comprou carro. E o terceiro carro que veio a Foz do Iguaçu foi o de meu marido. Só que quando vieram as revoluções, em 1924, levaram nosso carro. Pediram o carro com a promessa de devolvê-lo quando vencessem a revolução. Nunca mais devolveram. Não sei que fim levou aquele carro.

- Sua família também se refugiou na Argentina quando vieram os revolucionários?

- Não. Os revolucionários eram gente boa. Vinham muito lá em casa buscar leite, que eu dava sem cobrar porque tinha bastante. Diziam que não era para ter medo. Só mataram um homem, um fazendeiro que passava gado para o Paraguai. Os revolucionários o avisaram que se continuasse iria se arrepender. Ele continuou e foi condenado à morte. Levaram o coitado à barranca do rio Paraná, fizeram abrir sua própria sepultura e o mataram.

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Taxidermista expõe animais empalhados para o Museu do Parque Nacional do Iguaçu na década de 50.



Arquivo Família Maciel

Demonstração do Exército em frente ao Grupo Escolar Bartolomeu Mitre.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 31/12/93)



Reprodução

Otília Schimmelpfeng

*"Conheci Getúlio, Juscelino, Jango (João Goulart)
e Santos Dumont pessoalmente"*

Filha do primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, Jorge Schimmelpfeng, Otília Schimmelpfeng é memória viva do município.

Estas páginas são espaço pequeno para tudo o que ela poderia contar, mas suficiente para traçar o perfil dela própria e das tintas com que pinta a história de sua cidade, da qual tanto se orgulha e quer ver mais e mais pujante.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Que força do destino trouxe seu pai, Jorge Schimmelpfeng, a Foz do Iguaçu? Quando e como isso se deu?
- Meu pai Jorge foi enviado a Foz do Iguaçu, de Curitiba, em 1905, como membro de uma comissão criada pelo Governo do Estado para elaborar estudos e planos de povoamento e desenvolvimento dessa região. Apesar do ambiente inóspito, ele se encantou com o lugar, aqui plantou raízes e aqui decidiu viver.

- E a senhora, quando veio?

- Eu vim pela primeira vez em 1922, após concluir o curso colegial, quando meu pai ainda era prefeito de Foz do Iguaçu. Viemos numa caravana de dois carros, acompanhados de empregados e peões que armavam as barracas quando parávamos para descansar, comer e dormir, abriam passagens em trecho intransitáveis da estrada e empurravam os carros quando encalhavam.

- Aconteceu algum acidente na viagem?

- Não. Mas quando chegamos ao Rio Cascavel chovia muito e ele transbordava. Tivemos que pernoitar à beira do rio. Durante a noite ouviam-se vozes de animais selvagens (macacos, tigres e outros). Era mato fechado, uma escuridão completa. Falei para meu pai: "Mas que lugar horrível!" Ele respondeu: "Talvez a gente venha morar aqui". E eu: "O quê? Na terra dos macacos?" Ele: "Você está enganada, minha filha. Aqui vai crescer uma grande cidade". Dei risada, mas ele não errou - Cascavel é hoje uma grande cidade.

- E de Cascavel a Foz do Iguaçu como foi a viagem?

- Tivemos que ir por Santa Helena porque o Rio Silva Jardim havia transbordado e não permitia passagem. Era uma odisséia uma viagem entre Curitiba e Foz do Iguaçu. Levamos um mês para chegar.

- Onde ficava a moradia de família Schimmelpfeng em Foz do Iguaçu quando a senhora chegou?

- Na quadra da Avenida Brasil onde hoje está o Hotel Ortega. Lá meu pai tinha um pequeno hotel.

- Foi mesmo seu pai quem primeiro construiu hotel nas Cataratas?

- Foi. Ele levou a idéia ao governo do Estado e este assumiu o compromisso de construí-lo. Foi feito o projeto e meu pai, vendo que o governo não se mexia, começou a construção com seus próprios recursos, confiante de que depois seria ressarcido pelo governo, mas nunca foi.

- Esse Hotel das Cataratas é aquele que foi destruído por um incêndio?

- Sim.

- Quando a senhora conheceu as Cataratas?

- Em agosto de 1922. Levava-se duas horas para ir até lá.

- A cavalo, de carroça ou de carro?

- De carro. Eu fui de carro. Aliás, de pioneirismo em Foz eu tenho o fato de ter sido a primeira mulher a dirigir carro aqui - o Ford "bigode" de meu pai. Eu tinha 13 para 14 anos. Havia na cidade três carros Ford e dois ou três caminhões, que só pegavam com manivela.

- **Que lembranças tem da passagem por Foz da Coluna Prestes, entre 1924 e 1925?**
 - Os revolucionários de São Paulo queriam vir até Foz do Iguaçu pelo Paraguai, mas foram impedidos, então vieram por Guairá, onde havia um destacamento militar comandado pelo capitão Dilermando de Assis - o assassino do escritor Euclides da Cunha -, encarregado de defender a fronteira e impedir que os revolucionários passassem. Foi graças à traição de um paraguaio que os revolucionários burlaram a vigilância da tropa do Capitão Dilermando e rumaram para Foz do Iguaçu. O capitão Dilermando e seus soldados tiveram que fugir para não serem fuzilados. Os revolucionários chegaram a Foz do Iguaçu na noite do dia 15 de setembro de 1924.

- **O que aconteceu na cidade, então?**

- Houve grande alvoroço, muito medo e incerteza. Espalhou-se o boato de que os revolucionários vinham para matar, principalmente os chefes políticos, saquear e liquidar todo mundo.

- **Caso em que o primeiro da lista seria...**

- Seria meu pai, que recém havia passado o cargo de prefeito a Jorge Sanjays. A população se pôs em fuga para Argentina ou Paraguai. Quase todas as famílias fugiram. Ficaram o prefeito e algumas famílias sem

recursos que não tinham para onde ir.

- **Onde sua família foi se refugiar?**

- Ficamos oito dias na cidade, mas logo tivemos que fugir. Fomos nos esconder no Hotel das Cataratas. Mas meu pai foi avisado de que os revolucionários queriam fuzilá-lo, então resolvemos fugir para a Argentina. Cruzamos o rio Iguaçu acima das Cataratas, em canoa a remo. Abandonamos nosso carro, quase novo, à beira do rio. Foi horrível.

- **Como se instalaram na Argentina?**

- Armamos um acampamento com barracas e passamos a viver lá desconfortavelmente, mas seguros.

- **A senhora trabalhou na Prefeitura, com seu pai prefeito, foi professora... Como foi isso?**

- Inicialmente fui professora. Lecionei durante 12 anos. Fiz parte do primeiro quadro de professores do primeiro grupo escolar aberto em Foz do Iguaçu. Acho que sou a única professora daquela época ainda viva. Tive alunos que depois se tornaram pessoas ilustres, como o dr. Luiz Pedrosa, presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Fui professora de Alfredo Keller e tantos outros. Depois de 12 anos de magistério, passei a trabalhar na Prefeitura, até 1940.

- **O que fazia na Prefeitura? Como era a Prefeitura naquela época?**

- Era como uma casa de família, onde o prefeito fazia tudo, até delegado de polícia. Eu era secretária do prefeito, e quando ele viajava eu praticamente o substitua no cargo.

- **A senhora tinha partido político?**

- Fui do PSD, o partido mais forte da cidade, até 1964. Depois nunca mais me liguei a partido algum. Meu partido é Foz do Iguaçu.

- **A senhora conheceu Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que vinham muito a Foz do Iguaçu? Conheceu Santos Dumont, que também passou por aqui?**

- Conheci Getúlio, Juscelino, Jango (João Goulart) e Santos Dumont pessoalmente. Era uma pessoa extraordinária. Quando chegava, a cidade inteira ia recepcioná-lo.

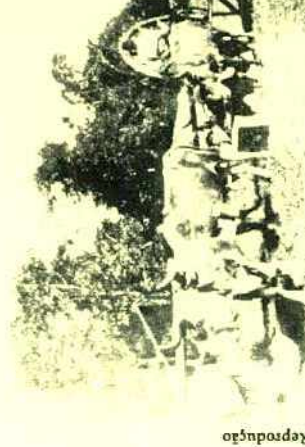
- **E Santos Dumont?**

- Pessoa simples e sábia. Conheci Santos Dumont em Curitiba, numa festa que o governo do Estado ofereceu a ele depois de haver passado por Foz do Iguaçu. Meu pai, que estava em Curitiba, foi convidado à festa e eu, que ainda morava lá, fui junto. Santos Dumont estava conversando com meu pai e fui cumprimentá-lo. Ele perguntou: "Quem é essa menina bonita?" Meu pai nem sabia que aquele homem era Santos Dumont, o inventor do avião. Depois, em casa, disse a meu pai: "Mas aquele homem é o Santos Dumont? Feio assim!"

Retratos Foz do Iguaçu



O prefeito Jorge Schimmelpfeng inspeciona a abertura de estradas em Foz na década de 20.



Carros de bois que carregavam erramate na década de 20.

(Extraído da "Carteira do Iguaçu" Edição de 10/06/93)



Ney de Souza

Otto Hermann Friedrich

"Em 1913 fomos de caminhão a Curitiba. Levamos de tudo para fazer a viagem: roupas, comida, ferramentas para tirar troncos de árvores do caminho"

É raro encontrar entre antigos moradores de Foz do Iguaçu, pessoas nascidas aqui. Uma delas é Otto Hermann Friedrich, nascido em 1926, filho de migrantes alemães. Dificuldades, trabalho, muito trabalho, não faltaram na vida de Otto Friedrich. Ele registra para a história que um tio seu foi quem instalou em Foz do Iguaçu o primeiro gerador de eletricidade, em 1907.

(João Adelino de Souza)

- Qual é a origem da família Friedrich estabelecida em Foz do Iguaçu?

- Meu pai, Hermann Friedrich, veio da Alemanha diretamente para Foz do Iguaçu em 1916, e minha mãe, Iria Weirich Werner, chegou em 1907. E eu nasci aqui em 1926. Casei com Elza Eliza Engel e tenho treze filhos e muitos netos.

- Quando criança, o senhor teve oportunidade de estudar?

- Comecei a estudar numa escolinha dos padres, perto da igreja. Os padres, além das matérias normais do curso primário, ensinavam também alemão. Eles eram alemães e havia muitos alemães em Foz do Iguaçu.

- Quem eram os padres professores?

- Lembro do monsenhor Guilherme e do padre José. Eram bons padres, pessoas boas e bons professores. Nós morávamos perto da escolinha, mas filhos de colonos tinham que vir a cavalo. Para mim era mais difícil aprender português do que alemão, porque em casa falávamos alemão.

- Até que ano estudou com os padres?

- Até 1936, quando eles pararam de dar aula porque a Escola Baritolomeu Mitre já funcionava bem. Então eu mudei para a Escola Militar. Estudei até o 5º ano primário. Meu pai morreu quando eu ainda era adolescente e a família começou a passar dificuldades. Foi um

tempo difícil realmente. Meu pai tinha uma oficina mecânica e nós, ainda meninos, tivemos que tomar conta.

- Como era o ensino, como eram as professoras da Escola Militar?

- O ensino era ótimo. Os professores eram muito exigentes, por isso aprendi rapidamente a ler, escrever, fazer contas. Era o tempo em que os professores usavam vara de marmelo. O respeito era outro - nada da bagunça que é hoje. Uma das minhas professoras foi Otília Schimmelpfeng. Dos colegas lembro do Alfredo Keller, Aluizio Umuau, Luiz Renato Pedroso, que hoje é presidente do Tribunal de Justiça do Paraná... As crianças daquela época eram mais educadas do que hoje. Em casa, quando chegava visita, as crianças não podiam ficar perto ouvindo as conversas dos adultos. Hoje, não só se metem no meio, mas também se intrometem nas conversas.

- Qual era sua diversão quando criança e jovem?

- Jogava futebol no campo do ABC Futebol Clube.

- Durante a II Guerra Mundial os alemães residentes em Foz do Iguaçu sofreram alguma molestação?

- Sofremos várias perturbações. Tínhamos medo de falar alemão. E quem não sabia português, como ficava? Por causa da Lei de Fronteira, os estrangeiros tinham que sair daqui. Poucos obedeciam isso, mas diversas famílias se mudaram para Guarapuava, Ponta Grossa e outros

lugares. Os que saíram nunca mais voltaram.

- O senhor fez o serviço militar?

- Fiz no quartel de Foz do Iguaçu. Entrei como voluntário em 1943 e fiquei dois anos. Eu era motorista do tenente-coronel Emanuel Ferreira Neves, comandante do Batalhão, por isso viajava muito. Numa viagem ao Rio de Janeiro, o comandante se demorou lá e eu aproveitei para fazer um estágio no Exército. Tive inclusive a oportunidade de assistir ao desembarque das tropas da FEB que voltavam da Segunda Guerra na Itália. Na volta trouxemos viaturas para o quartel de Foz do Iguaçu. Nessa época a Estrada de Guaraná já era bem melhor.

- No quartel, por ser alemão o senhor se sentiu discriminado ou até visto com suspeita?

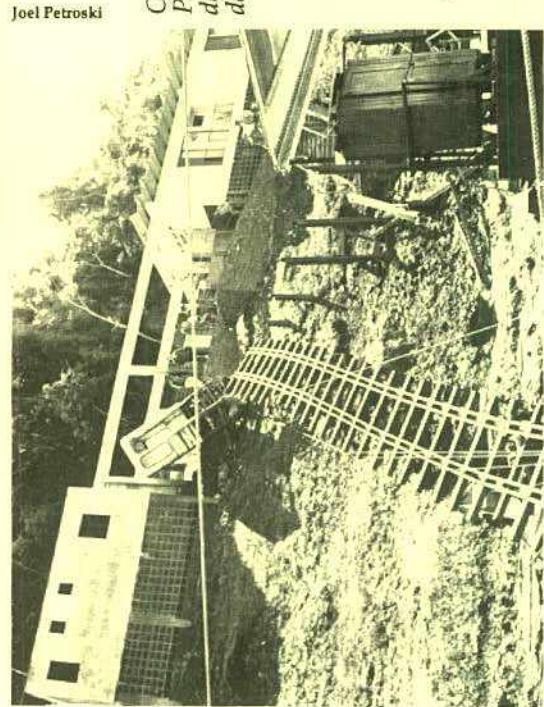
- Não havia discriminação, mas todos tinham medo de mostrar que sabiam falar alemão. Comigo mesmo aconteceu um fato curioso. Numa dessas viagens fui levar o comandante a Curitiba. Ele foi de férias e ficou lá dois meses. E eu no quartel em Curitiba. Certo dia mandaram-me levar um major até Joinville, Santa Catarina. Nem eu nem o major conhecíamos a cidade, então buscamos informações. Perguntei a um negro na rua onde ficava o quartel. Perguntei em português e ele me respondeu em alemão. Repeti a pergunta em português, e a resposta veio em alemão. Disse ao major que não havia entendido nada, por medo de que ele percebesse que eu sabia alemão. Dias depois, numa conversa, lembramos o episódio e o major revelou que também tinha entendido a resposta do negro em alemão.

(Extraído da Gazeta do Iguaçu - Edição de 09/06/91)

Retratos Foz do Iguaçu

A cheia "do século" do rio Paraná, ano de 1983. Na foto ilha Acaray e Porto Ical parcialmente inundados.

Joel Petroski

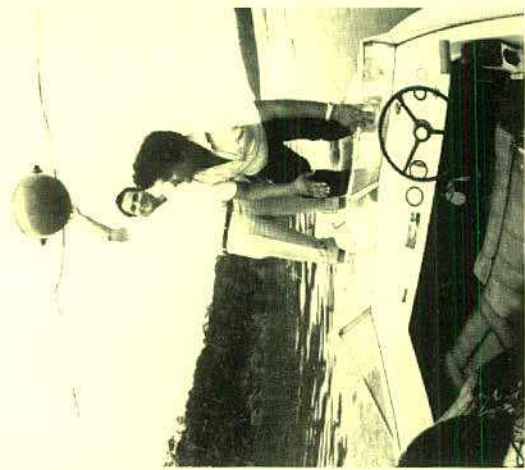


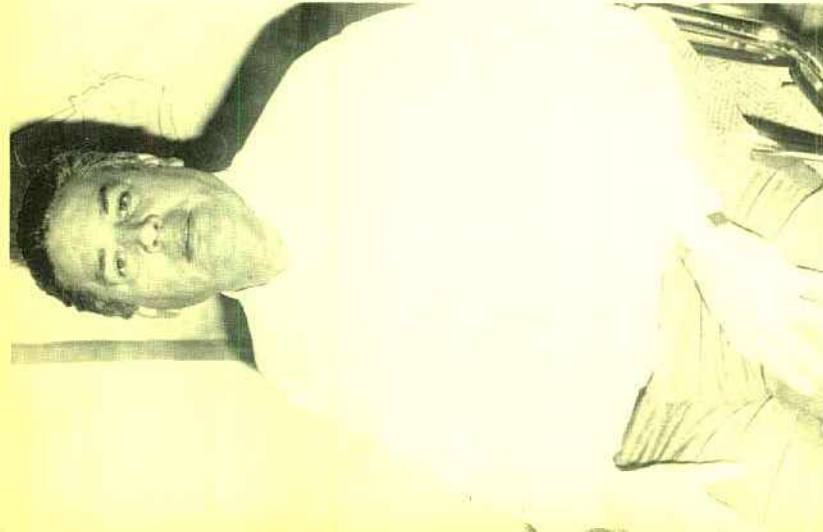
Joel Petroski

O "bondinho" do Porto Meira destruído pela cheia de 83.

Cheia do rio Paraná de 83 alcançou os "linhões".

Joel Petroski





Ozires Santos

"Não havia um metro de calçamento, e eu consegui asfaltar a Avenida Brasil e várias ruas do centro da cidade"

Hoje empresário do ramo imobiliário, Ozires Santos, nascido em União da Vitória, PR, em 1938, foi o último prefeito eleito de Foz do Iguaçu antes da fase dos interventores nomeados pelo governo militar. Ozires governou o município de 1963 a 1968, quatro anos como prefeito eleito e um ano como prefeito nomeado. Por pouco não foi cassado, como revela aqui.

(Juvêncio Mazzarollo)

- De onde veio e quando a família Santos se estabeleceu em Foz do Iguaçu?
- Meu pai, Tarquinio Santos, era farmacêutico em União da Vitória e queria ir para uma cidade mais promissora. Queria ir a Londrina ou Foz do Iguaçu. Veio conhecer Foz do Iguaçu e ficou encantado com o lugar.
- Seu pai montou farmácia aqui também?
- Sim. Começou com farmácia, mas logo passou a adquirir terras, fazer loteamentos e urbanizar a cidade. Meu pai foi pioneiro em loteamentos em Foz do Iguaçu. O primeiro que abriu e urbanizou foi a Vila Yolanda. Foi ele, inclusive, quem abriu a Estrada das Cataratas no trecho entre o bairro Boicy até perto de onde hoje está o Hotel Bourbon. Ficamos aqui doze anos e mudamos para Cascavel. Meu pai abriu farmácia, participou da política como candidato a prefeito, e conseguiu um patrimônio, terras, através do governador Bento Munhoz da Rocha Neto.
- Como era isso de conseguir patrimônio, terras, através do governador?
- O governador dividia e distribuía as áreas de terras devolutas do Estado para que fosse feita a colonização da região. Havia as chamadas "posses", não escrituradas, que o governo legalizava. Meu pai tinha posse em Cascavel. Cerca de 30 por cento do perímetro urbano de Cascavel pertencia a meu pai, que cedeu a área para a cidade.

- No que deu a candidatura de seu pai a prefeito de Cascavel?
- Ele foi candidato em 1952 e perdeu a eleição por um voto - o dele. Foi buscar oito eleitores em Iguaçuinho, hoje Nova Aurora, mas chegou na hora do fechamento das urnas e o mesário não deixou que eles votassem. Se só meu pai tivesse votado, teria vencido a eleição. Deu empate e, como o adversário era mais velho, foi dado como eleito. Meu pai, porém, sempre sustentou que houve fraude na apuração dos votos. Há no Tribunal de Justiça do Estado um documento que dá razão a ele. Após isso, meu pai abandonou a política.
- Deixou para o filho Ozires...
- Sim. Eu me elegi vereador em Cascavel em 1960 ou 61. Cumpri um ano de mandato e vim ser candidato a prefeito de Foz do Iguaçu. Fui também candidato a deputado estadual pelo PDC de Cascavel e Foz do Iguaçu. Apesar de ter sido o mais votado da região, não me elegi.
- Como foi sua eleição para prefeito de Foz do Iguaçu, em 1962?
- Eu era do PDC (Partido Democrata Cristão), de Ney Braga, mas, como era muito jovem, o partido não quis me lançar candidato. Então, o presidente local da UDN (União Democrática Nacional), dr. Ney Watson dos Santos, cedeu a legenda para minha candidatura. Fui levado a ser candidato pelos que haviam me apoiado para deputado.
- Quem eram os candidatos com os quais concorreu a prefeito?
- Írio Manganeli (PTB), o Capitão Becker (PSD), Julio Rocha Neto

(PDC), João Lobato Machado (PR) e eu pela UDN. O número de eleitores não chegava a cinco mil. Houve cerca de 3.500 votos válidos na eleição, e eu fiz quase dois mil votos

- Como era feita a campanha eleitoral? O rádio já era utilizado?

- Sim. A campanha se desenvolveu principalmente pelos microfones da Rádio Cultura. Mas também se distribuía folhetos, cartazes. Os comícios era muito agitados. Foi uma disputa acirrada. Meus adversários faziam campanha contra mim dizendo que eu era muito jovem e inexperiente para ser prefeito. Mesmo assim, as campanhas eleitorais eram respeitadas, bem mais do que são hoje. As pessoas eram mais equilibradas, mas sérias e educadas do que hoje.

- Com que programa de governo assumiu a Prefeitura e como começou a administrar o município?

- Eu tinha um programa que girava em torno do turismo e da eletrificação da cidade, que não tinha luz. Quando assumi a Prefeitura estávamos no escuro. Incentivamos o surgimento da hotelaria, convidando investidores. Busquei recursos para começar o asfaltamento da cidade. Não havia um metro de calçamento, e eu consegui asfaltar a Avenida Brasil e várias ruas do centro da cidade. Para a geração de energia elétrica consegui um motor termoeletrico. Depois, ainda durante o meu governo, foi concluída a Usina de Ocof e a cidade passou a se abastecer dessa energia.

- Que outra realização poderia destacar?

- No meu governo foi asfaltada a Estrada das Cataratas. No governo de Getúlio Vargas foi

calçada com pedras, mas tinha virado uma buraqueira. Os turistas vinham de avião e seguiam até as Cataratas de carro ou ônibus, e nós ficávamos com vergonha da estrada que oferecíamos. Então lutamos muito e o governo federal fez o asfalto.

- O senhor era prefeito quando, em 1965, foi inaugurada a Ponte da Amizade. Como foi o grande momento para Foz do Iguaçu e o Paraguai?

- Foi de fato um grande momento. Tivemos a honra de receber os presidentes Castelo Branco, do Brasil, e Alfredo Stroessner, do Paraguai. Eu, como prefeito, estive junto à comitiva presidencial na solenidade. A Ponte da Amizade representou um extraordinário passo no progresso desta região. Antes Foz do Iguaçu estava asfixiada. A Ponte da Amizade permitiu a Foz do Iguaçu a arrancada que merecia e precisava para seu desenvolvimento.

- Chegou a conversar com o presidente Castelo Branco?

- Sim, inclusive mostrei a ele a necessidade de construir em Foz do Iguaçu um moderno aeroporto, com o argumento de que assim o turismo deslancharia aqui na fronteira. O presidente concordou e prometeu fazer, e fez.

- Na condição de prefeito e mesmo como cidadão, que posição tinha em relação ao golpe militar em 1964?

- A revolução de 64 veio para punir os políticos, então qualquer fofoca contra um político diante dos militares podia levar à ruína. E eu, jovem e idealista, tinha forte oposição dos que controlavam o poder econômico da cidade - os madeireiros e

exportadores ou contrabandistas de café, a elite da época aqui. Pois esse pessoal me jogou contra a revolução.

- O senhor não era contra?

- Até um dado momento eu era contra. Depois entendi que, sendo tanta a corrupção, alguém tinha que tomar uma atitude. Foi o que fizeram as Forças Armadas.

- Mas como foi isso de jogarem o prefeito Ozires Santos contra a revolução?

- Tramaram de todas as formas contra mim. Dos nove vereadores, fiquei com o apoio de apenas um. Queriam me cassar. Era taxado de comunista, acusado de cometer irregularidades. Mas, como eram covardes, foram me denunciar aos militares e pedir que me cassassem. Certo dia, o coronel Pêrsio Ferreira chegou com a missão de interditar a Prefeitura. Disse-me: "já interditamos o IBC (Instituto Brasileiro do Café) e a Receita Federal. Vamos interditar a Prefeitura também, porque as denúncias contra o senhor são graves". Perguntei quem estava me denunciando e ele disse que não podia revelar. Eu disse: "Muito bem, então, antes de me cassar, o senhor vai verificar se de fato eu errei e vai me dar o direito de me defender". Fiz uma prestação de contas de todos os meus atos como prefeito e nada de irregular foi encontrado. Ao invés de ser cassado, quando terminou meu mandato fui convidado a permanecer no cargo como prefeito nomeado. Tive assim mais um ano de mandato.

- Os adversários tiveram que engolir mais essa...

- Tiveram que engolir, da mesma forma que o governador da época, Paulo Pimentel, que

também queria minha cassação. Chegou a me chamar ao Palácio Iguaçu para pedir que renunciasse. Eu recusei terminantemente e Pimentel me expulsou do Palácio.

- Terminado seu mandato de prefeito, o senhor praticamente abandonou a política, não?

- Abandonei a política e passei a me dedicar aos negócios do ramo imobiliário, abrindo loteamentos e urbanizando a cidade. Os prefeitos passaram a ser nomeados, e a política ficou sem graça, desestimulante. Em 1985 voltou a eleição direta para prefeito e fui candidato. Havia sido o último prefeito eleito e tentei ser o primeiro a ser eleito após o período dos interventores, mas não deu certo. Fui candidato contra minha vontade, forçado pelos amigos. Não me senti bem na volta à política e depois daquela experiência afastei qualquer possibilidade de voltar a me candidatar.

Ano: 1959. O iguaçuense Paulo Alberto Borne de Mello cismou que faria uma viagem a pé até o Distrito Federal para fazer reivindicações a Juscelino Kubitschek.

Convidou amigos da serraria onde trabalhava. O prefeito Jacob Becker apoiou com algum dinheiro e assinou a carta reivindicatória. Comerciantes e amigos fizeram uma caixinha...

O Batalhão deu barracas e uma arma. (Jackson Lima)

Paulo Alberto Borne de Mello

"Fui a pé até o Rio de Janeiro falar com o presidente JK"

- Que rota o senhor seguiu?

- Foi a rota de Ponta Grossa, Foz-Laranjeiras-Ponta Grossa e Curitiba.

- Passou em Curitiba? Falou com autoridades?

- Sim. Passei na Rádio Guairacá, nem sei se essa rádio existe hoje - e me colocaram no ar. No programa anunciei que ia visitar o governador e o prefeito. Logo quando sai da rádio fui para a Prefeitura e o Palácio do Governo.

- Quem era o governador na época? Ele atendeu?

- Era o Moisés Lupion e o prefeito era o general Iberê de Matos. Os dois me atenderam e colaboraram com a viagem. Daí segui na direção de São Paulo - atravessando a Serra da Ribeira.

- A rota levou o senhor para São Paulo, capital?

- Sim. Passei por São Paulo e fui ao Palácio Bandeirantes. Naquela época o governador era Carvalho Pinto e o prefeito era Ademar de Barros. Fui em frente pela Via Dutra. Passei por muitos municípios maravilhosos. Em alguns parei para visitar, em outros passei direto. Em Aparecida visitei a prefeitura e a igreja de Nossa Senhora Aparecida.

- Ao todo quanto demorou a viagem?

- Demorei 54 dias. Mas, para falar com Juscelino Kubitschek esperei 22 dias. Não conseguia. Procurei a imprensa Jornal do Brasil, Última

Hora, Manchete, Cruzeiro e outros jornais para buscar ajuda. Fiz uma maratona em praça pública de 72 horas e com a ajuda da imprensa fui atendido. Foi na Praça Floriã - 72 horas dando voltas na praça. Daí eles me levaram para o Palácio Tiradentes, a Assembleia Legislativa. Depois me levaram ao Senado e por fim ao Palácio do Catete.

- Quando o Senhor saiu de Foz, pensou que seria mais fácil?

- Sim, pensei. Mas o presidente estava com muita audiência. E eu tive medo de não poder terminar a missão. Depois que a imprensa entrou os políticos acordaram.

- Os políticos ajudaram ou atrapalharam?

- Eu cheguei a ter briga com o presidente da Câmara, o Arnaldo Cordeiro. Ele achava que estava levando um sistema político do Paraná, ele achava que estava metido com revolução, com a revolta de Aratua. Eles queriam abrir a mensagem lacrada mas eu não deixei. "Só o presidente pode abrir" - eu disse. Quando viram algumas mensagens dos outros municípios eles se convenceram de que eu não tinha nada a ver com política.

- Como foi o contato com o presidente?

- Fiquei meio emocionado. Mas o encontro só durou cinco minutos. O presidente estava para sair. Ele ia viajar para Aragarça onde havia um problema. O major Múrcio Mércio, da Aeronáutica, foi quem me ajudou. Era o piloto do presidente. O major olhou para mim e

- perguntou se eu queria falar com o presidente. Nessas alturas eu já estava no Palácio. "Nem que seja cinco minutos - eu preciso entregar isso em mãos" - eu disse. O major disse que estava bem mas que eram só cinco minutos.
- **O que o senhor disse para ele nesses cinco minutos?**
 - Eu pedi que lesse a nossa mensagem, verificasse nossa viagem, as mensagens que tinha. Ele abriu, prestou atenção e me disse: "olha, eu acho que em menos de um mês essa verba vai chegar a Foz do Iguaçu. O restante irá com o tempo. As outras reivindicações também vão demorar. Já existe uma programação. Agora com essa sua viagem e essa carta vamos tentar apressar". Depois ele me disse: "você só não vai de avião para Foz porque não tenho avião por causa dos problemas de Aragatça. Mas vou dar um cartão para você falar com o presidente do Turismo da Guanabara para que consiga passagem de trem até Ponta Grossa. De lá vai de ônibus".
 - **E veio de trem?**
 - Sim, até Ponta Grossa.
 - **E até Foz, como veio?**
 - Vim de ônibus. Fiz a prefeitura pagar a passagem. "Essa passagem vai ser paga pela Prefeitura" - eu disse à empresa em Ponta Grossa.
 - **E pagaram?**
 - Não queriam, mas pagaram. Quando cheguei já tinha sido eleito novo prefeito. De antiga só tinha a secretária da Prefeitura, dona Otília Schimmelpfeng
 - **Houve algum reconhecimento, festa?**
 - Sim, houve, o pessoal acompanhava as notícias que saíam nos jornais do Rio. Os jornais já chegavam nos aviões da Varig. Fizemos uma comemoração.
 - **E os recursos vieram?**
 - Um mês depois o dinheiro da faixa de fronteira - 40 milhões em dinheiro da época - chegou e foi devidamente aplicado.
 - **Ganhou alguma coisa com isso?**
 - Ganhei a conta da empresa onde trabalhava, a Industrial Madeireira. Mas não fiz tudo aquilo pensando em ganhar dinheiro. Foi um objetivo atingido, do qual não me arrependo.
 - **Como era Foz do Iguaçu naquela época?**
 - Naquela época faltava tudo. Faltava iluminação, escolas, asfalto, médicos.
 - **Qual era o problema com a luz, por exemplo?**
 - Era tudo escuro. O gerador só funcionava até às 10 horas da noite. Era à base de vela. O único lugar que ficava iluminado era o Batalhão porque tinha gerador que ficava ligado a noite toda.
 - **Como eram os hotéis, de que hotéis lembra? Os hóspedes ficavam no escuro?**
 - Já existia o Hotel das Cataratas e me lembro do Hotel Lamarque. Os hóspedes ficavam no escuro depois das 10. Ah, tinha o Hotel Espanhol, que era de uma espanhola, onde hoje é o Hotel Ortega.
 - **O senhor se animou a pedir incentivo ao turismo, por quê?**
 - Porque era tudo difícil. Só existiam dois ou três automóveis. Eu tinha certeza de que o
- turismo contribuiria para o crescimento da cidade.
- **Como teve a idéia de ir ao Rio de Janeiro, a capital federal? Não havia políticos lutando por isso?**
 - O único político que havia aqui era o Luiz Alberto Dalcanalle na região Oeste. E que eu conhecesse era o prefeito Jacob Becker. Ele era o capitão do Exército.
 - **A idéia nasceu porque eu via a pobreza da cidade. Eu cisme de escrever uma carta para as revistas Manchete e O Cruzeiro, onde eu propus fazer a viagem para falar com o presidente Juscelino Kubitschek. Eu sabia que havia uma verba para a Faixa de Fronteira que permitiria construir pelo menos a Usina do Ocoí.**
 - **Como foi o preparativo? A cidade concordou?**
 - Eu passei a fazer um treinamento específico. Eu caminhava todos os dias do Batalhão até as Cataratas com chuva ou sol para me preparar, e aí marquei a data da viagem.
 - **Pensou em fazer essa viagem de outra maneira? De ônibus, de trem, de barco?**
 - Não. Era a pé mesmo.
 - **E as despesas?**
 - Eu levei uma carta do prefeito me apresentando. Em cada localidade eu me apresentava às autoridades e aceitava contribuições de seus municípios. Eu entreguei ao presidente reivindicações de vários municípios.
 - **Foz do Iguaçu ajudou?**
 - Sim, ajudou. O Batalhão me deu barraca,
- medicamentos, até armamento e porte de arma, um 38 e uma Winchester. Depois devolvi tudo. Era para me defender. Não de bandidos. Naquela época não havia isso. Era para me defender de animais porque era tudo mato. Até encontramos uma onça pintada na altura de Mato Queimado e Laranjeiras do Sul.
- **Foi preciso atirar?**
 - Não, no animal, não, só atirei para o alto, e a onça sumiu.
 - **Como escolheu os colegas de viagem?**
 - Eu convidei os amigos de firma. Eu trabalhava na Industrial Madeireira, da família Marder. Os próprios colegas de firma redigiram a carta, datilografaram, e eu levei para o prefeito, e o comandante do Batalhão. Depois partimos.



Ney de Souza

Pedro Paulo Saucedo

“Extraí e coloquei muitas pedras daquelas pretas que ficam expostas em prédios antigos como o Aeroporto e a Escola Bartolomeu Mitre”

Nestas raízes da formação de Foz do Iguaçu, muitos paraguaíais têm algo a ver, como é o caso de Pedro Paulo Saucedo, nascido em Vila Rica, Paraguai, em 1906, mas que migrou para o Brasil em 1928 “para fazer a vida” vida de laborioso operário que literalmente pôs a mão na massa, com exímio pedreiro que deixou a marca de sua obra nas mais importantes edificações históricas de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- Sua família vivia de que no Paraguai?

- Vivia da agricultura, mas era uma vida muito miserável. Eu até nem lembro de quase nada de nossa vida no Paraguai. O Paraguai não tinha movimento, não tinha indústrias, por isso não se tinha serviço. Acho que ainda era consequência da Guerra da Tríplice Aliança, que no Brasil chamam de Guerra do Paraguai. Quando se está num lugar assim, o melhor é sair. Eu sempre pensava em sair e buscar a vida em outro país.

- Finalmente decidiu vir ao Brasil. Por quê?

- Meu pai me incentivava muito a vir ao Brasil, que conheceu quando foi trazido para cá como prisioneiro da Guerra da Tríplice Aliança.

- Seu pai lutou naquela Guerra? O que aconteceu com ele?

- Sim. Eu não sei muito sobre isso. Sei que a última batalha foi a de Tuiuti, onde foi morto o marechal Francisco Solano Lopez. Meu pai estava na tropa paraguaia que amargou aquela derrota final para o Brasil. Ele foi feito prisioneiro de guerra e, junto com cerca de 150 combatentes paraguaíais, foi levado ao Rio de Janeiro. Eram quase todos soldados de 14 ou 15 anos de idade - crianças, porque não havia sobrado homens no Paraguai, mas quase só mulheres e crianças.

- Que aconteceu com esses prisioneiros levados ao Rio?

- Foram muito bem tratados e ficaram pouco tempo. O marechal Deodoro da Fonseca, pessoa muito boa, deu liberdade a todos, um ou

dois meses depois. Os que quisessem voltar ao Paraguai poderiam ir, e aos que preferissem permanecer no Brasil o governo brasileiro ofereceu um saldo mensal durante um ano e permitia que casassem e se naturalizassem. Meu pai achou melhor voltar ao Paraguai. Voltou muito bem impressionado com tudo o que viu no Brasil e com sua gente. Por isso sempre me aconselhava a vir tentar a vida aqui. Ele sempre falava bem do Brasil e dos brasileiros.

- E o senhor acabou se convencendo de que devia se aventurar por aqui?

- Sim. Vim para Foz do Iguaçu, sozinho, em 1928.

- Sem certeza do que poderia fazer e de como iria sobreviver?

- Vim sem nada, se saber o que poderia fazer. Mas não fiquei em Foz do Iguaçu, porque aqui não havia praticamente nada, não tinha trabalho. Fui então para São Paulo. Guardo até hoje o documento (“permisso”) de autorização do Consulado Brasileiro de Encarnação para que eu entrasse no Brasil. Fiquei um ano e pouco em São Paulo, trabalhando de pedreiro. Em seguida mudei para Guaíra, a convite de um amigo que me chamou prometendo que lá havia serviço.

- Que serviço?

- De pedreiro, na construção de uma igreja que deve estar de pé até hoje. É uma igreja de pedra, uma relíquia histórica. Não ganhava muito, mas dava para viver. Fiquei cinco anos em Guaíra, e mudei para

Foz do Iguaçu.

- Por quê?

- Para ficar mais perto dos meus familiares que viviam no Paraguai. Meus irmãos eram órfãos, passavam por muitas dificuldades.

- Começou fazendo o que em Foz?

- Construí uma casa de dois andares para Rômulo Trevisan, um farmacêutico. Em troca do meu serviço, Rômulo me deu uma chácara, lá perto do quartel do Exército. Como pedreiro, o que eu fazia hoje ninguém mais faz. Rebecava 30 a 40 metros quadrados de parede por dia.

- Que fim deu à chácara?

- Adquiri, na permuta, por 6 contos de réis e vendi por 1 conto. Vendi de raiva, de desgosto.

- Casou em Foz do Iguaçu?

- Casei com Eleonora Rios, com quem tive sete filhos.

- É verdade que o senhor foi um craque no futebol?

- É verdade. Havia em Foz do Iguaçu três times de futebol: o Iguaçu, Brasil e ABC. Eu jogava no ABC. Ninguém podia com nosso time. Meu apelido era "cimento armado", porque era pedreiro e, no campo, a bola podia passar por mim, mas o jogador não passava. Jogava tanto na defesa quanto no ataque, pela esquerda e pela direita. Jogávamos muito contra times paraguaios e argentinos, e também contra times da região. Guaira tinha um time muito bom, formado quase só pelos soldados do Exército.

- Quando o senhor veio para cá havia

muitos paraguaios?

- Sim, eram a maioria da população.

- Havia escola para as crianças, seus filhos?

- Havia, mas não era fácil poderem estudar, porque eu tinha muitos filhos e precisava trabalhar duro para mantê-los. Trabalhei em obras nas Cataratas, no lado argentino, e tinha que ir a pé até lá, carregando as ferramentas.

- Como pedreiro e marceneiro, trabalhou em que obras?

- A primeira olaria de Foz do Iguaçu foi minha. Estava montada na minha chácara, perto do batalhão do Exército. Eu fabriquei os tijolos para a construção do quartel do Exército, e também trabalhei nessa construção. Eu fabricava telhas também. Trabalhei, ainda, na construção do primeiro aeroporto, que hoje é o Clube Gresfi, na construção do Museu do Parque Nacional do Iguaçu, no Hotel das Cataratas e Hotel Cassino Iguaçu. Como pedreiro, eu também trabalhei muito na extração de pedras, inclusive aquelas pretas que ficam à vista em prédios como o antigo aeroporto, a Escola Bartolomeu Mitre e outras construções nesse estilo.

- Saberia definir o estilo dessas construções e sua inspiração, sua origem?

- Eu trabalhava nisso junto com um português, mas esse estilo parece que é espanhol, que chegou aqui através da Argentina.

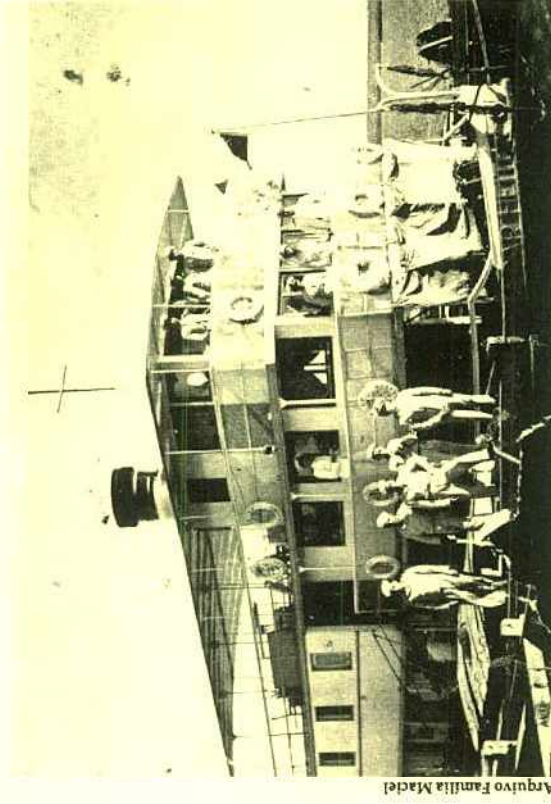
- O senhor também foi um caçador?

- Gostava muito de caçar. Certa vez matei um tigre.

(Extrato da "Garça do Iguaçu" Edição de 10/06/93)

Retratos

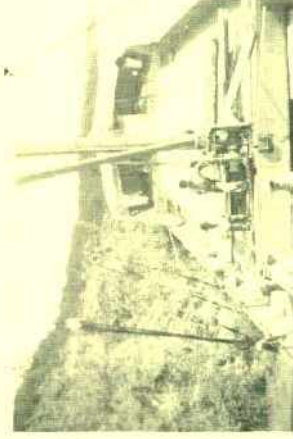
Foz do Iguaçu



Arquivo Família Madel

Navio Capitão Heitor nas águas do rio Paraná, nos anos 40.

Detalhe de um
barco de
transporte de
madeira, utilizado
para escoar a
produção das
madeiras da
região para a
Argentina



Arquivo Família Madel



Ney de Souza

Porfírio Gonçalves Araújo

"Meu pai e eu fomos requisitados para combater a Coluna Prestes em Foz do Iguaçu"

Quem conta do episódio da passagem da Coluna Prestes por Foz do Iguaçu dá impressão de estar se referindo a algo fora do alcance da visão dos dias atuais. Não é bem assim. Em 94, Porfírio Gonçalves Araújo, então com 83 anos, integrou a força militar que o governo federal mandou para Foz do Iguaçu a fim de espantar os revolucionários.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Nasceu onde e quando, "seu" Porfírio?

- Quando viemos para Foz do Iguaçu em 1924, meu pai tirou meus documentos atrasados porque naquele tempo o povo tinha medo de ser chamado para servir o Exército, porque nós já tínhamos tomado aquela surra... Então meu pai tirou meus documentos com a idade daquele ano em que viemos para cá, em 1924. Mas eu nasci em 1911, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Lá meu pai vivia da venda de calçados e outras coisas.

- Como terminaram vindo a Foz do Iguaçu para combater a Coluna Prestes? Seu pai foi militar?

- Não. Meu pai havia comprado uma terra na localidade de Taquaruçu, em Pitanga, região de Guarapuava, e saiu do Rio Grande do Sul para tomar conta da terra. Eram 50 alqueires de terra, toda coberta de mata fechada. Não havia nada lá. Certo dia, eu e meu pai saímos a cavalo para buscar sal na única venda (mercearia) que havia em Pitanga. Chegamos ao Rio Quinze e estava tudo amarelo lá - porque naquele tempo o Exército usava uniforme amarelo...

- Como assim? Encontraram uma tropa do Exército?

- Sim. Era a tropa que vinha a Foz do Iguaçu combater os revolucionários comandados por Luiz Carlos Prestes. Já ali eu e meu pai fomos intimados a acompanhar a tropa.

- Quantas pessoas formavam essa tropa?

- Eram mais ou menos umas 400 pessoas, militares e civis, que andavam a cavalo e a pé - nem carroça tinham.

- E vocês, o senhor e seu pai, foram obrigados a enturmar?

- Sim, enturmamos. Disseram: "agora vocês têm que ir com nós". Mandaram que eu voltasse para casa buscar outro cavalo para um sargento que estava sem cavalo. Nós éramos oito irmãos, mas só eu e meu pai víamos com a tropa até Foz do Iguaçu.

- O senhor foi para casa buscar o cavalo para o sargento?

- Fui. Encilhei o cavalo e voltei para junto da tropa.

- Não pagavam nada por isso?

- Nada.

- Bem, então vocês rumaram para Foz do Iguaçu. Como foi a viagem? Por onde passaram?

- Passamos por Laranjeiras do Sul, Roncador, Mamborê, Foz do Iguaçu. A viagem levou uns 45 dias. Na viagem tínhamos que matar passarinho a tiro para comer, quando o general não pegava bois e porcos. Havia também colonos que davam animais para a tropa comer. Outras vezes o general mandava pegar. Mas um boi inteiro não dava um pedacinho de carne para cada um, porque era muita gente - uns 400 homens.

- Passaram fome, então?

- Passamos fome, sim.
- **Passaram por famílias que não queriam dar os animais?**
- Havia. Nesse caso, o comandante mandava pegar.
- **É verdade que davam um recibo com a promessa de pagar depois?**
- Davam o recibo e prometiam pagar, mas nunca pagaram ninguém.
- **Os soldados se queixavam de estar metidos nessa vida ou levavam numa boa?**
- Se queixavam, e muito. Muitos queriam voltar, mas não tinha terno. Voltar para onde e de que jeito?
- **Como era a cidade de Foz do Iguaçu quando vocês chegaram?**
- A cidade não tinha nada. Não lembro quantas casas havia, mas eram poucas. Era mata, mato mesmo, muito mato.
- **E a Coluna Prestes estava na cidade, dona da situação?**
- Não. Os revolucionários já tinham ido embora, já haviam cruzado para a Argentina. Só achamos vestígios da passagem deles. Só não sei se passaram pelo rio Iguaçu ou Paraná.
- **O que o povo daqui contava sobre a chegada e a passagem dos revolucionários pela cidade?**
- Contavam que chegaram quietos, sem fazer barulho. Com certeza, Prestes chegou esperando, na expectativa. Quando nós chegamos não havia mais nada nem ninguém para combater. Graças a Deus não tivemos que entrar em nenhum combate. Se tivéssemos que entrar em combate, era para morrer, porque não tínhamos instrução alguma. Havia soldados treinados para o combate, mas havia na tropa também muitos civis, como meu pai e eu, sem instrução militar alguma.
- **O povo de Foz do Iguaçu se queixava de algum mau trato dado pelos revolucionários?**
- Não. Os revolucionários não fizeram mal a ninguém. Só tomaram alguma coisa para sua sobrevivência.
- **Vocês ficaram em Foz muito tempo?**
- Menos de um mês.
- **Ficaram fazendo o quê?**
- Caçando passarinho, matando bicho e comendo.
- **Hospedados onde?**
- Em barracas de lona. Havia um armazém que sempre dava sal para nós.
- **Era época de inverno ou verão?**
- Era verão, tempo quente.
- **Não foram ver as Cataratas?**
- Não. Mas já havia trânsito para as Cataratas, a cavalo.
- **Bem, então, como não encontraram a quem combater, voltaram por onde vieram?**
- Voltamos. E aí, não sei em que altura, encontramos um daqueles carros com pneu de bicicleta que vinha vindo avisar que estava tudo normal. Vinham de carro, mas de carro não podiam vir até Foz do Iguaçu. Acho que era um daqueles Fordinho-24 de rodinha estreita. Era um carro da polícia que vinha ao nosso encontro. Vinha avisar que podíamos levantar acampamento porque estava tudo normalizado. Encontramos esse carro lá pela região de Campo Mourão.
- **A estrada que vinha até Foz mal dava para passar carroça, não?**
- Só cavalo e carroça. Era muito ruim porque havia muito rio para atravessar. Nós mesmos tivemos que construir pontes a braço para passar.
- **Seu pai e o senhor voltaram para sua casa, encontraram sua mãe lá, os irmãos...**
- É, a mãe estava lá, os irmãos...
- **E a tropa militar seguiu viagem...**
- Seguiu viagem e nós ficamos em casa.
- **O comandante da tropa não deu nenhuma gratificação para seu pai e para o senhor?**
- Nada. Não deram coisa nenhuma. Nem obrigado disseram. Mas ao menos deixaram os nossos animais conosco, embora tudo magro. Seguiram viagem não sei se para Ponta Grossa, Curitiba ou para onde. Uma parte foi para o Rio Grande do Sul. Mas nós nunca mais soubemos de nada daquilo.
- **E o senhor casou com que idade, em que circunstância?**
- Casei ainda moleção, aos 16 anos de idade.
- **Logo depois de vir a Foz do Iguaçu para combater revolucionários?**
- Isso. Mas eu casei, depois, mais três vezes. Tivemos três filhos, mas só um ainda é vivo.
- **Por onde andou até chegar novamente a Foz do Iguaçu, já não mais como contra-revolucionário?**
- Sempre trabalhei na roça. De Prudentópolis fui para o Paraguai, já em 1972. Fiquei lá durante uns 12 anos.
- **Veio para cá fazer o quê?**
- Trabalhar de empregado. O que viesse eu ia pegando.
- **E o que veio? Que emprego conseguiu?**
- Consegui o emprego de guarda na Prefeitura. Trabalhei muitos anos de guarda em escolas municipais, e nunca um diretor teve uma queixa de meu trabalho. Trabalhei em todos os grupos escolares da Prefeitura. A última escola em que trabalhei foi a Parigot de Souza, com o diretor Cláudio Diet. Só sei que para a Prefeitura trabalhei durante onze anos. Aí me aposentei, comprei este rancho aqui, com ajuda do professor Cláudio e dos amigos, e aqui estou. Não é nenhum luxo, mas...
- **Não chove dentro?**
- Não, não chove.
- **Então está ótimo.**
- É isso aí.



Ramon Rios

"Naquela época, não passava contrabando. A Marinha cuidava do posto de dia, e de noite também tinha patrulhamento."

O marinheiro aposentado Ramon Rios, iguaçuense, nascido em 22/2/1923, está surdo e com a visão dificultada. Ramon diz que não se lembra muito do seu trabalho na Marinha e na Mate Laranjeiras. Viúvo, pai de oito filhos, Rios trabalhou quase sua vida inteira na Marinha. Começou como diarista até ser incorporado na vida militar. (Zé Beto Maciel)

- O sr. lembra do tempo que entrou na Marinha?

- Trabalhava como vigia, zelador, quando entrei na Marinha entrei numa vaga na Marinha Mercante, como diarista, depois foi indo, como não tinha uma lancha, mas não era pra Marinha Mercante, era pra Marinha Militar, trabalhei dez anos como diarista. Quer dizer não tinha direito a nada. Isso foi no começo, depois de seis anos eu disse eu sou diarista ou funcionário, senão eu vou para máquina O tenente Riberto mandou fazer um requerimento, porque o diarista antigamente não tinha direito a nada, se machucasse, não tinha direito a nada. Depois de dez anos eu fui efetivado, o que eu ia fazer como operário, se eu não tinha direito a nada, depois eu passei a funcionário federal. Trinta e cinco anos trabalhando, requeri aposentadoria.

- Faz tempo que o sr. se aposentou? O ano?

- Em 77.

- Trabalhou 37 anos só na Marinha? Depois de diarista o que o sr. fazia? Depois que passou a ser funcionário?

- Tenho que consultar os papéis.

- Depois de efetivado, o que o sr. passou a fazer? O que o sr. lembra que acontecia? Como eram os amigos, como sr. vivia?

- Não estou lembrado.

- O que o sr. lembra do seu trabalho, sua vida, muito serviço?

- Muito serviço, na costa do rio, muitos marinheiros, depois em 48

veio o pessoal civil, amadorista, uns oito civis. Entrou o velho Schinke, o Zizo. Eles entraram como funcionários eu precisei de 10 anos como diarista na Marinha Mercante, eles me ocupavam na Capitania.

- Como está sua vida agora?

- Bem, eu fiquei sozinho, viúvo. Fiquei com esse terreno, tenho bem pouco, mas se não tivesse seria pior. O ordenado é pouco, mas dá, estou recebendo 300 reais. Recebia 312 quando me aposentei. Tem um desconto que é o seguro, é pouquinho, aposentei e até hoje eu não ocupei o INPS.

- O sr. operou o que?

- Da bexiga. Daí eu perdi o ouvido, quando eles me aplicaram uma injeção para não doer aí estorou eu fui no médico e ele disse que foi a anestesia, mandou voltar e eu não voltei. A vista ficou curta mas eu nunca usei óculos nunca fui no médico. Posso ler meia hora de noite, mas depois começa a sair água da vista e eu tenho que parar.

- O sr. lembra o que fez depois que se aposentou?

- Fui trabalhar no transporte de balsas no rio Iguaçu no Porto Meira. Tinha muito movimento e eu trabalhava carregando malas. Foi o capitão Ciriaco que me indicou para esse serviço. Aí ganhei um dinheirinho. Mas durou pouco. É uma pena.

- O sr. é paraguaio?

- Sou brasileiro, nasci em Foz do Iguaçu. Sou filho de argentino. Minha mãe era paraguaia..

- O sr. teve condições de estudar?

- Não, nunca. O que aprendi foi um pouco na Marinha.

- O sr. falou que trabalhou na Mate Laranja? Trabalhou?

- Trabalhei. Na extração de erva. Cortava e puxava, era exportada para Argentina

- Que tipo de serviço era? Era o mesmo da Marinha?

- Levar para o navio. Navio para Argentina.

- Embarcava e ia pra Argentina?

- Depois começou com madeira, mas aí eu já não estava mais... estava ..

- Já estava na Marinha? O sr. estava falando do Capitão Pimentel?

- Ele era uma boa pessoa, justa..

- Justo?

- era o serviço dele, o cara tava trabalhando no serviço, ele estava em cima. Depois, quando descansava, ele ia para o gabinete. Enquanto ele estivesse ali em cima do serviço ele não atendia ninguém, podia ser oficial que chegasse ali, ele mandava esperar.

- A Marinha participava muito da vida da cidade, as pessoas procuravam muito a Marinha? A Marinha tinha um bom time de futebol de salão ...

- Naquela época, a Marinha mandava, hoje eu A Marinha cortia em qualquer lugarzinho deles, hoje não. Hoje até favela tem ali. Ninguém falava, ninguém fazia in-

ferno, hoje tá cheio de ladroagem.

- Naquela época que a Marinha controlava, o pessoal tentava fazer contrabando? A Marinha cuidava direitinho do rio Paraná?

- Não, naquela época não passava, era duro. A Marinha cuidava do posto de dia e de noite também tinha patrulhamento. Hoje não.

- Antes o pessoal encarava o trabalho com mais seriedade o sr. não acha?

- Naquela época era duro para passar um contrabando.

- Tinha a Marinha, depois?

- Apoiou muito a Argentina. A Argentina dizia não e não pode e pode. Acabou. Pega, pega. Aqui se pegar nego bota na cadeia, amanhã tão de luz alta. Muito pouco me lembro daquela época. Já deixei mesmo.

- O sr. gosta de ler?

- Ler, eu leio.

- Quantos filhos?

- Quatro. Um já é morto há três anos. Quatro filhas casadas

- Então são quatro filhas e quatro filhos?

- Um tá aqui, um mora aqui, outra mora em Santa Catarina. Essa é a menor que veio me visitar, ela é a última. Quer me levar pra lá. Passar já não dá mais, na minha idade.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Reprodução

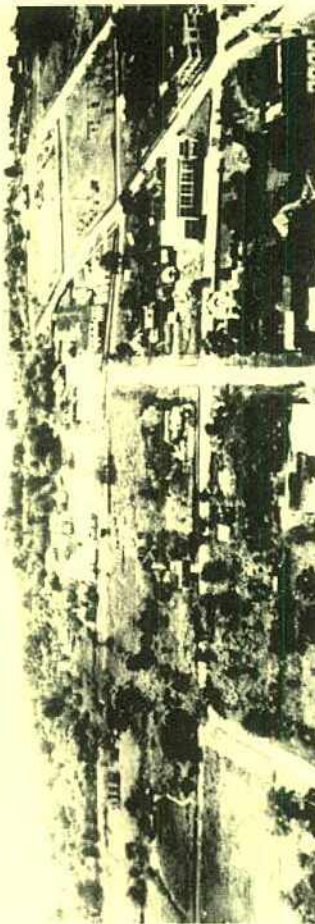
Construção do Hotel Basso, na avenida Botafogo (atual avenida Brasil)

Retratos Foz do Iguaçu

Vista aérea do lado Oeste, beirando o rioParaná.



Reprodução





Roberto Ariel Grignet

"Em 1946 havia quatro times que disputavam anualmente o campeonato citadino (ABC, Guairacá, Iguazu e Nacional)."

O argentino Roberto Côco Grignet nasceu na cidade de San Tomé - em Corrientes - em 14 de agosto de 1929.

Côco é filho de Enrique Grignet e Rufina Ferragur. Ele chegou em Foz a 19/11/46 e casou com Vicentina Requião no dia 26/11/1952. Tem três filhos (Regina Maria, Carlos Dagoberto e Lorena Maria). Ele trabalhou na Industrial Madeireira do Paraná, Acifi e Oeste Paraná Clube.

(Zé Beto Maciel)

- O sr. trabalhou na Industrial Madeira do Paraná - empresa que marcou um ciclo importante na economia de Foz - dá para historiar um pouco dessa empresa?

- A industrial madeireira foi uma empresa gaúcha que teve o comando de Flávio Azambuja Marder e Florêncio Galafassi e 'chefe supremo' Renato Festugatto. Ela representou o que de mais moderno existiu naquele momento (1º/8/1948) no sul país, sucedendo a empresa paranaense M. Lupion - que iniciara a indústria extrativa vegetal (pinho) vários anos antes. A empresa modernizou e ampliou antigas instalações. E deu um tom de modernidade ao seu porto de embarque para a Argentina. A madeireira foi uma das mais prestigiadas pelos importadores platinos. Ela representou muito para o desenvolvimento de Foz, tanto que houve um momento em que muitas decisões comunitárias só foram tomadas depois de ouvida a direção. A madeireira também fez atendimento social. Não só aos seus funcionários mas também à comunidade, tendo inclusive, distribuído cortes de casas populares de madeira de pinho aos necessitados.

- Como era o transporte?

- Nos primeiros anos de atividades, o transporte de madeira da região de Cascavel se fazia pela Estrada Velha de Guarapuava. Esta estrada, longa e sinuosa, sem cortes ou aterros e sem sol, era um dos principais obstáculos para o escoamento da produção que crescia em progresso geométrica. O governo federal tinha construído o último trecho da BR-35 (hoje BR-277), entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, mas não

consequira até então, complementar as obras de parte do trecho. Prejudicada, a empresa resolveu, com seus próprios meios, construir um desvio que foi chamado de Estrada de ligação, que saía da BR em São Miguel do Iguaçu e retornando a mesma 20 quilômetros depois, nas cercanias de Matelândia. Com esta medida, a empresa solucionou o seu problema e ainda contribuiu para o desenvolvimento da região.

- O senhor foi juiz de futebol e seus irmãos foram grandes 'boleiros', conta um pouco do futebol de Foz na sua época, os clubes, a formação da liga, etc?

- Efetivamente, todos os membros da minha família jogaram futebol amador em Foz do Iguaçu num momento grandioso em que o intercâmbio esportivo crescia e possibilitava comparações e aprendizado. Em 1946 havia quatro times que disputavam anualmente o campeonato citadino (ABC, Guairacá, Iguazu e Nacional). Nos anos seguintes foram fundados ou reativados outros times (84 Boxing Club, Flamengo, Palmeiras, Industrial, Atlético, Municipal, Vasco e União Nacional). Os campeonatos foram adquirindo força e prestígio, e se tornaram pontos de teste de grandes jogadores estrangeiros que por aqui passaram, excepcionalmente paraguaios (Totito Ávalos, Rojas, os irmãos Ramires, Agapito, Canígia, Alvariza, Benites, os irmãos Sténico, Mutise e outros) e argentinos, especialmente os goleiros. O Guairacá, clube formado quase exclusivamente por militares, levava vantagem das incorporações anuais, onde conseguia o concurso de craques para o time. O ABC era o destino quase natural dos jogadores estrangeiros,

Retratos

Foz do Iguaçu

chegando a contar em suas equipes, em várias ocasiões, com craques da seleção paraguaia. Vasco e Flamengo contavam com jogadores do Rio e Minas Gerais. A participação desses clubes e dos craques elevaram muito o nível do futebol em Foz do Iguaçu, inclusive criando o Conselho de Árbitros e munindo o Conselho Disciplinar de regras mais rígidas. De onde destaco o item suspensão automática por expulsão, clonada anos depois pela CBF. Esse ciclo triunfal do futebol de Foz durou aproximadamente 25 anos (1946/71) e mudou, ou acabou, ou acabou, quando o profissionalismo começou a ser timidamente implantado na região.

- A sua família é de origem argentina?

- Meus pais vieram da Argentina, onde nasci. Os meus irmãos nasceram no Brasil. O meu pai era um notável técnico em eletromecânica, eis a razão de ele ter sido chamado para trabalhar na poderosa e bem querida Mate Laranjeira em Guaira. A minha mãe era professora de música em teoria e solfejo, e tocava violino e órgão. Nessa condição, pôde instalar cursos de música em diversas oportunidades, tanto aqui como na Argentina, ensinando a grupos selecionados de

talentos. Meus pais, mesmo sendo estrangeiros (ele paraguaio, ela argentina), foram sobejamente prestigiados e respeitados até o fim de suas vidas.

- Como o sr. vê os ciclos econômicos por quais Foz passou?

- Excetuando-se os primórdios da colonização, quando o Exército desempenhou papel preponderante no desenvolvimento de Foz do Iguaçu, a cidade experimentou quatro ciclos principais: o de erva-mate, primeiro, e depois o da madeira de pinho (serrada) e de lei (em toras), cuja exportação para o mercado argentino se processou por mais de 50 anos; o comercial, que explodiu a partir da construção da Ponte da Amizade - em função do que se chamou do comércio formiga, a partir da década de 60. Finalmente, a construção da Hidrelétrica de Itaipu, cujo o impacto sobre o desenvolvimento da região foi assombroso, e é de todos conhecido. A atividade natural para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu - o turismo - nunca foi sentida como decisiva, mesmo tendo sua exploração iniciada praticamente junto com sua colonização.

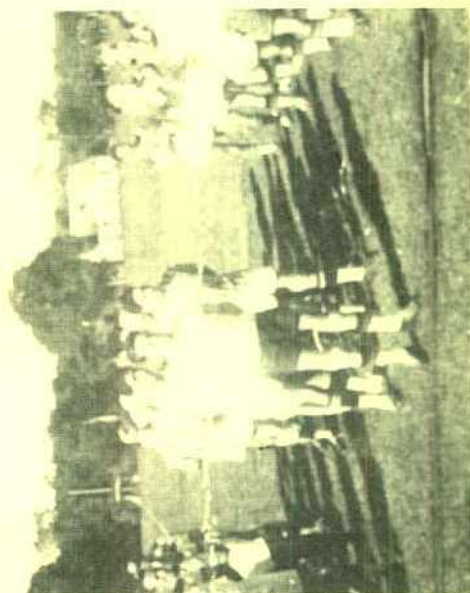
(Entrevista inédita, maio 1997)



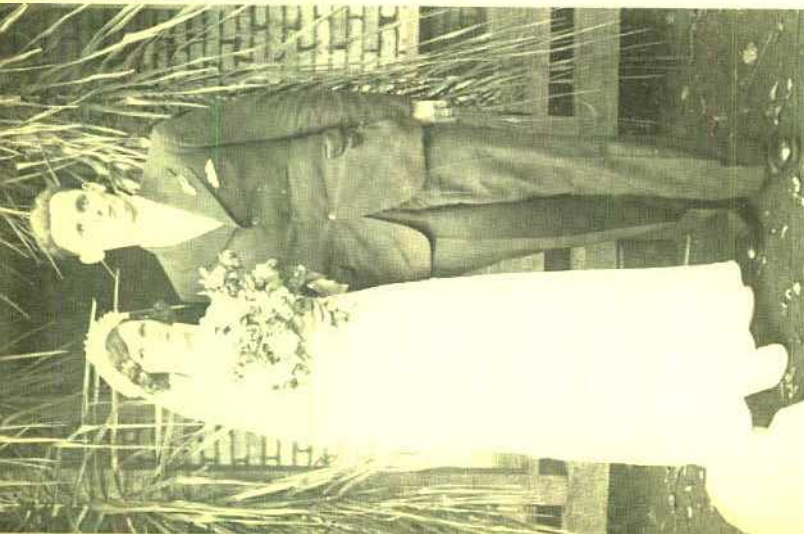
Arquivo Família Mactel

Lançamento oficial do 84 Boxing Club com Kid Chocolate ao centro

Arquivo Família Mactel



Início do campeonato cidadão no final dos anos 40



Arquivo da Família Holler

Roberto Holler

"O único povoado por que passamos foi Laranjeiras do Sul, que na época tinha só algumas casas. Onde hoje é Cascavel por exemplo, só havia um casebre"

Aos 9 anos de idade,

Roberto Holler migrou da Alemanha para o Brasil, e aos 19 anos aportou em

Foz do Iguaçu para aqui plantar raízes e ficar. Seu pai, Teodoro, faleceu em Foz em 1966, aos 82 anos, e Roberto, em 1992, aos 79 anos.

Foi casado com Clementina Wandscheer, com

quem teve os filhos Elza, Alberto, Elzira, Elci, Elizabeth e Alfredo.

(João Adelino de Souza)

- Por que seus pais migraram da Alemanha para o Brasil? Faziam o que lá?

- Nós éramos agricultores na Alemanha e tivemos nossa propriedade devastada, saqueada durante a Primeira Guerra Mundial. Depois da Guerra as coisas estavam difíceis na Alemanha para o povo, então meus pais resolveram migrar para o Brasil. Vieram para cá como refugiados. Eu tinha então 9 anos. Viemos de barco até o Rio de Janeiro. Chegando, tivemos que ficar no barco durante 30 dias, até que saísse autorização para ficar no Brasil. Do Rio fomos a São Paulo e logo viemos ao Paraná, não sei por quê. Fomos morar em Cruz Machado, perto de Foz do Arica.

- E depois terminaram vindo a Foz do Iguaçu, de onde não saíam mais. Quando e por que a família mudou para cá?

- Em 1932. Meu pai queria morar e trabalhar em terras planas. Cruz Machado é uma região acidentada, montanhosa. Ele, então, veio a Foz do Iguaçu para ver como eram as terras e gostou muito. Arrendou uma chácara na área do rio Tamandua, perto do Parque Nacional. Voltou a Cruz Machado para preparar a mudança. Eu, na época com 19 anos, e minha irmã viemos na frente com o gado.

- Gado? Vieram com boiada? Como foi a viagem? E como fizeram para não se perder no meio do mato?

- Viemos a cavalo tocando vacas e bois - animais que usávamos para trabalhar a terra e para o sustento da família. Levamos 24 dias para

chegar. Não nos perdemos porque seguíamos a trilha da linha do telegrafo. O único povoado por que passamos foi Laranjeiras do Sul, que na época tinha só algumas casas. Onde hoje é Cascavel, por exemplo, só havia um casebre.

- Seu pai veio quanto tempo depois que o senhor e sua irmã vieram?

- Não lembro direito, mas acredito que ficamos aqui só nós dois por uns 60 dias. Meu pai teve que resolver todos os seus negócios em Cruz Machado antes de se mudar para Foz do Iguaçu com toda a família.

- Que impressão tiveram quando aqui chegaram? Gostaram do lugar?

- Gostamos muito. A chácara que meu pai arrendou era muito bonita, terra boa. As famílias vizinhas eram muito boas. Todo mundo era amigo, a solidariedade era grande.

- Conte das caçadas que faziam.

- Ah, a caça era o divertimento de muita gente. Divertimento e também meio de sobrevivência. Nós tínhamos boas espingardas e farta munição. Naquele tempo, década de 30, o Parque Nacional do Iguaçu ainda não havia sido criado e a caça não era proibida. E bicho era o que não faltava: porco do mato, cateto, veado, cotia, paca, anta, tigre...

- O senhor matou tigre?

- Não, mas meus amigos mataram. Caçávamos muito perto das

Cataratas, onde os cachorros encurralavam os animais junto ao rio. Eu caçei qualquer quantidade de veados. Pardos, então... Havia em abundância. Podia-se escolher o tamanho que se queria caçar. Lembro que o finado Rafael Rover tinha uma carroça puxada por oito burros e vinha a Foz a cada dois meses. Certa ocasião entreguei a ele 42 couros de pardos que eu havia caçado em apenas um mês. Houve domingos em que cheguei a matar quatro pardos. É que havia bons lambedores naquele tempo.

- Lambedores? O que era isso?

- Era uma espécie de ceva natural onde os bichos apareciam com maior frequência. Das Cataratas para baixo havia quatro ótimos lambedores.

- Quem eram seus companheiros de caçadas? Ou quais eram outros grandes caçadores?

- Lembro do Eldon Gruder, do Max, Alfredo Ratz, o Mezomo, o Brol...

- Numa época daquelas, de cidade pequena e pouca gente, como arrancava a sobrevivência numa chácara?

- Foz do Iguaçu era uma pequena vila. Eu vinha uma ou duas vezes por semana à cidade vender produtos da roça (milho, galinha, ovos, manteiga, etc.). Trazia de carroça. Tinha bons fregueses, muitos deles fixos. A primeira freguesia que fiz foi a Elfrida Rios. Vendia também para os Schimmelpfeng, os Ramos, Ferreira e outros. Transitar pela Avenida Brasil quando chovia era um problema. Muitas vezes encalhei a carroça de tal maneira que os burros não conseguiam tirá-la dos buracos e da lama.

- Fez isso durante muito tempo?

- Fui vendedor de produtos da roça até 1939, quando casei.

- Passou a viver de que, então?

- Passei a vender pinga, comprava no alambique do Sívio Sotó Maior num boteco que montei no bairro Boicy. Aos poucos o boteco foi se transformando em mercearia, onde vendia um pouco de tudo.

- De que família é sua esposa?

- É da família Wandscheer. Clementina Wandscheer. O pai e o tio de minha mulher já moravam aqui quando nossa família veio para cá.

- Como foi o casamento?

- Namoramos durante quase três anos e casamos na Igreja São João Batista. Depois fizemos uma bela festa. Meu pai matou uma novilha que deu mais de 90 quilos de carne. Carneamos também alguns porcos para que não faltasse comida para todos os convidados, que não eram poucos. A bebida foi vinho. Comprei uns cem litros do Antônio Dotto e mais vinte garrafas na Argentina - garrafas de dez litros cada. A festa foi até as quatro horas da madrugada. Lembro como se fosse hoje que o meu padrinho de casamento, Sívio Sotó Maior, nos levou à Igreja com seu carro.

- Quem era o prefeito?

- Era o capitão Melquiades do Valle, que substituiu o tenente Manoel Diniz. Esse Diniz era homem brabo que não se criou na Prefeitura. Parece que era prefeito e delegado de polícia ao mesmo tempo. Certo dia ele teve uma encrenca com o finado Toninho Aguirra e parece que tentou agredi-lo

fisicamente. O Toninho era escrivão do juiz. O juiz, então, derrubou o prefeito em 24 horas. Naquele período, durante a II Guerra Mundial, os prefeitos eram nomeados. Trocavam de prefeito quase todos os anos. Alguns não duravam nem um ano. E eram só militares.

- Recorda de alguma visita de autoridades importantes a Foz do Iguaçu naqueles tempos?

- Lembro de uma visita do presidente Getúlio Vargas, mas não recordei em que ano foi. Eu até participei da homenagem a ele. Cerca de 200 colonos foram a cavalo até o Hotel Cassino para prestar homenagem ao presidente da República. Parece que a vinda dele era por causa da criação do Território do Iguaçu. Anos mais tarde veio também o Juscelino Kubitschek e eu o conheci pessoalmente.

- Quem mais?

- Também veio o presidente do Paraguai Alfredo Stroessner, quando foi lançada a pedra fundamental da Ponte da Amizade. Eu estava batendo um papo com o capitão Cyriaco na praça da Marinha quando Juscelino e Stroessner desceram de helicóptero.

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Album de Família: era comum na década de 40 a visita de fotógrafos de casa em casa para registrar a vida das famílias iguaçuenses. Aqui, seu Hermenegildo posa com a esposa e o filho de meses.

(Extrato da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 31/5/1991)



Arquivo da Família Cirilo de Castro

Rosa Cirilo de Castro

"Eu estou muito feliz, muito bem cuidada, mas ainda quero voltar para a minha Foz do Iguaçu"

Rosa Cirilo de Castro, viúva do major Acylino de Castro, com quem fundou o Hotel Cassino e a Rádio Cultura. Uma dama de ferro na direção dos negócios, uma menina de "coração mole" no trato com os humildes e as crianças. Dona Rosa morreu aos 86 anos, dia 5 de dezembro de 1.988, em Foz do Iguaçu, depois de uma longa via-sacra por hospitalares, vítima de um acidente de carro.

(Chico de Alencar)

"No próximo dia 16 de agosto "O Jogo da Verdade" completa um ano, com apenas uma única interrupção ou falha. Foram quase cinquenta personalidades da vida pública paranaense, que desfilaram por este jornal testemunhos valiosos sobre a história do nosso Estado. Fatos que enriqueceram a memória das novas gerações e fermentaram a polémica do dia-a-dia cultural, político e administrativo do Paraná, na palavra de seus mais ilustres filhos. O "Jogo da Verdade" trouxe sempre uma marca: o jornalismo sem adjetivação, a informação transparente, a liberdade de opinião e sua manifestação descomprometida."

"Foram quase cinquenta entrevistados das mais diferentes correntes políticas e áreas de atuação na vida pública, todos entretanto, com uma marca em comum: o estrelato. Gente que é notícia e que faz notícia por onde passa. Gente que deixa uma poeira de estrelas em suas pegadas. Assim é com o nosso entrevistado de hoje. Perdão, a nossa entrevistada. De comum com os que antecederam ela tem o mesmo brilho, o mesmo charme, a mesma classe. De diferente - muito diferente - ela não tem a palavra, a eloquência. Ela já quase não fala mais. A nossa entrevistada deste solene "Jogo da Verdade" é Rosa Cirilo de Castro, 86 anos e há dois convalescentes de um acidente automobilístico, exatamente no dia de seu aniversário. Dona Rosa é a proprietária fundadora da Rádio Cultura de Foz, que completou 32 anos ontem, na posição de uma das mais importantes emissoras do interior do Brasil. Uma reportagem de Chico de Alencar, com fotos de Chuniti Kawamura e do arquivo de D. Rosa."

"Era o dia 26 de maio de 1986. No luxuoso salão de festas do Rafain Palace Hotel de Foz do Iguaçu, oitenta e quatro seletos convidados brindavam pelo 84º aniversário de dona Rosa Cirilo de Castro, venerável dama daquela importante cidade turística, da qual é cidadã honorária por vontade unânime dos seus quinze vereadores. Com seu filho Antônio, familiares e amigos de tantos anos, dona Rosa distribuía sorrisos, abraços e carinhos a cada mesa, anfitriã perfeita e dedicada que sempre foi. Em troca, muito afeto dos amigos, na grande maioria pioneiros como ela. Amigos que acompanharam os tempos do Hotel Cassino de Foz do Iguaçu, que ela dirigiu por décadas com sua irmã Carola, antigo endereço das mais famosas personalidades nacionais e internacionais, que passaram por Foz do Iguaçu. O mesmo hotel que hoje, todo remodelado, prepara-se para a inauguração de uma Escola de Hotelaria gerenciada pelo Senac, em convênio com a Paranatur. A "Escola de Hotelaria Rosa Cirilo de Castro", cujo nome é homenagem foram determinados pelo ex-governador João Elízio Ferraz de Campos numa tradução justa dos sentimentos de toda a comunidade iguaçuense. Dificilmente dona Rosa poderá estar presente."

"Naquele dia, por volta das duas horas da manhã, a festa terminava e dona Rosa voltava feliz para sua residência. Pouco mais de mil metros à frente, seu carro foi violentamente abalroado por outro veículo em louca disparada. Com várias e graves fraturas começava sua peregrinação por leitos hospitalares. Do Hospital da Itaipu, onde foi prontamente atendida, a Curitiba, depois de várias intervenções cirúrgicas, delicados tratamentos e um brutal derrame cerebral que a

levou ao estado de pré-coma, agravado por uma infecção pulmonar e vários efeitos danosos ao seu frágil corpinho, que não foram o suficiente para tirar-lhe a vida, mas sim para detê-la quase inerte numa cadeira de rodas, ou em sua cama no seu apartamento em Curitiba. Foi lá, às 11 horas da manhã da última quarta-feira, que dona Rosa recebeu nossa reportagem. Bonita e sorridente, bem penteada e conduzida por Iracema, seu anjo da guarda de todas as horas, ela não mostrava mais quase nada da sua personalidade forte, dos seus gestos determinados e firmes de poucos anos atrás. Foi assim que ela nos recebeu em sua última entrevista. A meiguice e a ternura, sim, estas continuavam, como na época das grandes festas beneficentes que ela promoveu para centenas e milhares de crianças."

- Dona Rosa, depois de amanhã, estará fazendo 32 anos que a senhora fundou a Rádio Cultura com o major Acylino de Castro. A senhora se lembra daquele dia... já faz bastante tempo, não é?

- Eu era bem forte, tinha muita saúde graças a Deus... (A voz é rouca, fraquinha, quase um fio de voz).

- Quantos anos o major Acylino "tocou" a Rádio Cultura, quantos anos a rádio tinha quando o major morreu?

- O major ficou muitos anos na rádio, ele tocou muitos anos a Rádio Cultura... não, não... o major era muito forte quando ele morreu...

(As frases saem com dificuldade, desconexas e mudamos de assunto).

- A senhora sabe que dentro de poucos

dias será inaugurada em Foz do Iguaçu a Escola de Hotelaria no antigo prédio do Hotel Cassino e que ela se chamará "Escola de Hotelaria Rosa Cirilo de Castro"? A senhora será homenageada porque foi a senhora quem cedeu o hotel para ser escola de hotelaria, lembra?

-sorrindo...

- Quanto tempo a senhora e sua irmã Carola "tocaram" o Hotel Cassino?

- Muito tempo... eu e minha irmã Carola cuidamos muito tempo do Hotel Cassino e recebemos muita gente importante... muito importante...

- Pois é, dona Rosa, agora a senhora vai ser homenageada por ter cedido seu hotel para que ali fossem formados profissionais em hotelaria...

- Para mim é uma honra muito grande, uma honra... uma satisfação...

(Nossa entrevista é intercalada com os cuidados de Iracema, um misto de filha, enfermeira e anjo da guarda. É ela quem diz: "É muito trabalhoso cuidar dela, mas é muito gratificante, muito gratificante". É Iracema quem nos alerta para o cansaço de dona Rosa e para o horário de seus medicamentos. Procuramos então encerrar nossa singular entrevista).

- A senhora quer mandar um abraço para seus funcionários no dia do aniversário da rádio?

- O que vocês querem que eu diga... a gente já está cansada, de modo que eu não sei bem o que falar... O Ennes eu gosto muito dele... de vez em quando eu me lembro dele com muita saudade. O Ennes é muito bom, me

lembro com saudade mesmo...

- Então está bem, nós vamos colocar uma mensagem da senhora e uma foto bem bonita no jornal para que eles imaginem que a senhora está com eles, já que em coração a senhora está sempre junto, não é? A senhora está se sentindo bem, podemos continuar?

- Estou bem graças à Deus, mas esta bronquite... não sei como chama esta doença... cansa... sempre que vou ficando boa, vai ficando boa a vida, boa a saúde, aí ataca...

- Mas a senhora é muito forte...

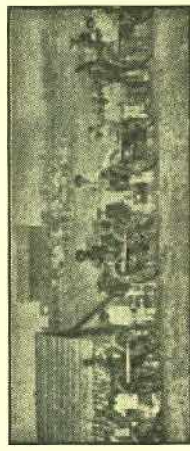
- Faz um ano que eu estou de cama... um ano... o que que a gente vai fazer... Deus quer assim, que assim seja... não adianta mesmo ir contra... não adianta, ele quer assim...

- Dona Rosa a senhora lembra como foi o primeiro aniversário da Rádio Cultura? O major Acylino estava junto, a senhora se lembra?

- Lembro sim... o major Acylino estava junto sim (longa pausa)... faz onze anos que eu estou doente e de cama. Que eu vou fazer? Está na hora de parar. Nos despedimos, com beijos e com as últimas palavras de dona Rosa: "Eu estou muito feliz, muito bem cuidada, mas ainda quero voltar para a minha Foz do Iguaçu."

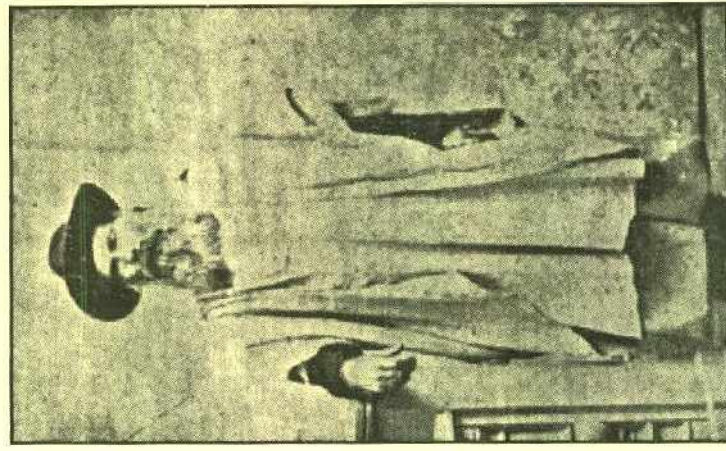
Retratos

Foz do Iguaçu



Reprodução

A bateria do célebre Juca Tigre.



O caudilho gaúcho Juca Tigre que aterrorizou a região nas décadas de 10 e 20.

(Extraído do "Correio de Notícias" - Edição de 23/7/88)



Arquivo da Família Vidal

Sady Vidal

*"A igreja da época era muito reacionária, conservadora.
Para os padres, reforma agrária era coisa do diabo"*

Nascido em 1909, em Paranaguá-PR, Sady Vidal se estabeleceu em Foz do Iguaçu em 1949 e logo se elegeu vereador da cidade.

De 1953 a 1955 foi presidente da Câmara de Vereadores. Quando foi feita esta entrevista, em 1980, a memória de Sady Vidal já não ajudava muito, mas assim mesmo foi possível extrair algum perfil dele e de Foz do Iguaçu de décadas passadas.

(Aluizio Palmar)

- Durante muitos anos seu mundo foi a política, antes na ativa, agora na expectativa. Qual era o quadro partidário de Foz do Iguaçu quando esteve na ativa?

- Havia o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSD (Partido Social Democrático) UDN (União Democrática Nacional), PR (Partido Republicano) e outros partidinhos sem importância, como o dos integralistas, simpatizantes do nazifascismo, liderados nacionalmente por Plínio Salgado, no Movimento Verde-Amarelo.

- Os integralistas tiveram um braço em Foz do Iguaçu. Quem eram os integralistas da fronteira?

- Lembro de um certo Chichão, do Lomarque e outros que viviam pelo lado do Parque Nacional. Eram conhecidos como "os camisas-verdes", adeptos de Hitler e Mussolini. Mas eram uma minoria de italianos e alemães e alguns brasileiros. A maioria da população era indiferente, nem tomava conhecimento do integralismo. Houve até o caso de pessoas terem ficado ricas contrabandeando pneus para a Argentina, de onde seguiam para as tropas de Hitler e Mussolini.

- Como se posicionava politicamente a população local?

- Em sua maioria, era desligada. Os poucos envolvidos em política, os ocupantes de cargos públicos estavam sempre ao lado do governo do momento, por oportunismo ou comodismo.

- Uma elitezinha de província voltada para a elite acima dela...

- É isso. Mas havia também políticos e pessoas da sociedade com idéias progressistas e de esquerda até.

- Um deles, Sady Vidal, por certo?

- Sem dúvida. O Irio Manganelli também, um trabalhista fervoroso. Apesar de ter sua base eleitoral em Santa Terezinha de Itaipu, concorreu a prefeito, mas perdeu para Emílio Gomes, que governou de 1959 a 1963, quando assumiu Ozires Santos. Emílio Gomes se elegeu com o apoio das empresas colonizadoras e madeiras. Donos, gerentes e jagunços dessas empresas eram os cabos eleitorais dele. Os peões, sem organização e sem informação política, votavam como mandavam os patrões.

- As eleições eram corrompidas? Se eram, que malandragens faziam?

- Era um jogo como é hoje. Mesários e fiscais comprados para fraudar a votação e a apuração... Compra de votos - o cabo eleitoral ia aos botecos, às localidades do interior, Santo Alberto, Santa Terezinha, dando dinheiro e levando eleitores à urna votar. A decepção do povo com os políticos, portanto, não é nova.

- Quem, no seu entender, se salvava?

- Um exemplo era Tarquínio Santos, pai de Ozires Santos. Tarquínio Santos era um socialista de idéia e prática, defensor de mudanças na estrutura sócio-econômica do país.

Retratos

Foz do Iguaçu

- Mas Tarquinio Santos foi político em Cascavel. O filho Ozires é que veio se candidatar em Foz do Iguaçu...

- Exato. Tarquinio foi candidato a prefeito de Cascavel e não se elegeu porque se esqueceu de votar, ou perdeu a hora e não votou. Resultado: empate, que deu vitória ao adversário pelo critério da idade - o mais velho levou. Foi o candidato do campo popular naquela eleição, e empatou com o representante da elitezinha local, reacionária.

- E qual era um socialista declarado em Foz do Iguaçu?

- Um sargento do Exército que ainda no quartel se declarava abertamente socialista, defensor dos trabalhadores, da Petrobrás e da socialização da economia.

- E o que aconteceu a ele?

- Saiu do Exército e comprou uma terrinha na localidade de Dois Lapachos, mas a Colonizadora Criciúma, dos Dal Bó, tiraram a terra dele e queimaram o rancho com ajuda policial. Foi um dos primeiros exemplos de vítimas de colonizadoras gananciosas e incrupulosas. "Bigode" perdeu a confiança na Justiça dos poderosos e saiu por aí pregando suas idéias, ensinando o povo a lutar por seus direitos. Depois ninguém mais soube que fim ele teve.

- Em décadas passadas, como a população de Foz do Iguaçu se informava

sobre o que se passava no Brasil e no mundo?

- Através de jornais que chegavam com semanas de atraso. Muitos assinavam o "Correio do Povo", de Porto Alegre. E havia também o rádio.

- O que diz da luta pela criação do Estado do Iguaçu, que se pretendeu formar com as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná e Santa Catarina?

- Houve meia dúzia de pessoas metidas nisso, entre elas Almir Machado Nunes e o Lamarque, mas não tinham expressão alguma. Havia muito oportunismo na iniciativa. O Almir, por exemplo, o que queria era algum emprego de secretário de qualquer coisa.

- Quem detinha o poder econômico em Foz do Iguaçu?

- Os madeireiros.

- Que moedas circulavam em Foz do Iguaçu nos anos 30 e 40?

- Até lá por 1930 não circulava a moeda brasileira. Só circulavam o guarani paraguaio e o peso argentino. Foi o Exército que introduziu a moeda nacional na fronteira. Aqui falava-se assim: "Aquele casa vale tantos pesos, aquele cavalo vale tantos guaranis..."

- Quando começou a mudar essa situação?

- Com a Revolução de 1930, quando veio muita gente para cá, muitos militares vieram

com dinheiro. Um amigo meu, um tal de Guarderi, veio com um saco de dinheiro.

- E que comércio existia?

- Praticamente só havia o Pedro Basso, único comerciante forte. Havia também a Casa Jacy, de dona Elfrida Engel, que costurava para fora e vendia alguns produtos que trazia da Argentina.

- Havia fábrica de alguma coisa na cidade?

- Não. Quando chegamos aqui tivemos que comprar até colchão na Argentina. Só mais tarde alguém se pôs a fabricar colchões, lá na rua do Lamarque.

- Quer dizer que o admirador de Hitler e Mussolini virou nome de rua?

- Não é isso. Naquele tempo as ruas eram conhecidas pelo nome de algum dos seus moradores mais destacados na sociedade. O que se chama de Rua do Lamarque era, na verdade, a atual Santos Dumont.

- E da igreja da época, que diz?

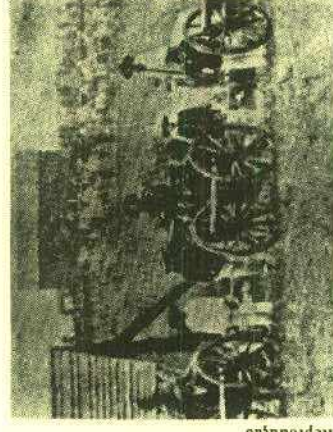
- Era muito reacionária, conservadora. Para os padres, reforma agrária era coisa do diabo. Mulher fumar era coisa de comunista. Houve um padre alemão que foi acusado de colaborar com o nazismo, mas acho que foi tudo conversa fiada.

(Extraído do "Nosso Tempo". Edição de 10/12/80)



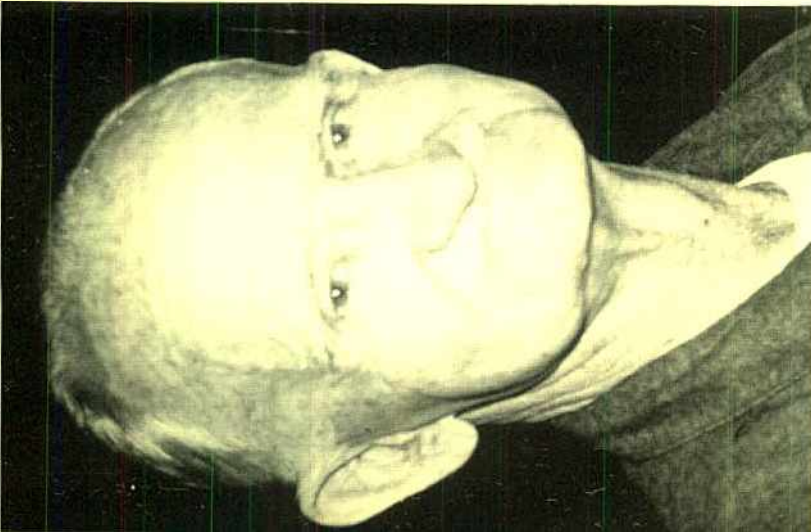
Reprodução

Foto tida como a primeira feita em Foz, na década de 20.



Reprodução

A bateria do célebre Juca tigre



Arquivo da Família Gardolinski

Tadeu Gardolinski

*"Instalava o Posto de Observação à frente da Linha de Fogo da Infantaria.
De lá eu comandava a linha de tiro contra o inimigo"*

Filho de imigrante polonês, Tadeu Gardolinski nasceu em 1918, em São Mateus do Sul, PR. Curso engenharia na UFPR, integrou a FEB nos campos de batalha da II Guerra na Itália, e lá ele encontrou o amor de sua vida, Juliana, com quem teve três filhos. Residiu em Foz desde 1954 até 1996, quando faleceu. Na FEB, Tadeu integrou a artilharia, e em Foz do Iguaçu trabalhou com engenharia civil. (Juvêncio Mazzarollo)

- O sobrenome Gardolinski é evidentemente polonês. Quem veio da Polônia plantar a raiz da família no Brasil, e por quê?
- Foi meu pai, no início do século XX, quando a Polónia ainda nem existia como país - estava sob o domínio imperial da Áustria. Meu pai era agrimensor e veio ao Brasil enviado pelo governo polonês para fazer medições de terras, não sei com que finalidade. Trabalhou inclusive em Foz do Iguaçu, lá por 1920. Mediu, por exemplo, toda a área que hoje forma o Parque Nacional do Iguaçu.

- Por que seu pai não voltou à Polónia?

- Em 1918 estourou a I Guerra Mundial e ele não pôde mais voltar à Europa porque o governo brasileiro não deixava ninguém sair do país. Sorte nossa...

- Por que "sorte"?

- Senão eu teria nascido lá...

- Ou seu pai poderia ter morrido na I Guerra...

- Pois é... Eu fiz a guerra, mas do outro lado. Se tivesse nascido na Europa, teria feito a guerra do lado de lá, ao lado do fascismo e do nazismo. Como nasci no Brasil, fui à guerra contra o fascismo e o nazismo.

- Antes dessa história, como o senhor veio parar em Foz do Iguaçu?

- Terminei o curso de engenharia na Universidade Federal do Paraná em 1948 e trabalhava no DER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem). Em 1950 fui chefe do Distrito do DER em Pirai do Sul, e em 1954 fui enviado a Foz do Iguaçu para instalar o 8o. Distrito Rodoviário do DER.

- Fazia o que o Distrito do DER em Foz do Iguaçu, sob seu comando?

- Abrimos a estrada para Santa Helena, para Capanema... O 8o. Distrito abrangia Capanema, Cascavel, Toledo, Guaíra, que pertenciam ao município de Foz do Iguaçu. Na época, Cascavel tinha três ou quatro casas só. A BR-277 estava em construção, por isso, se chovesse, não passava nem vaca. Cansei de ficar dias e dias em atoleiros na estrada. Hoje é uma mamata. Sai-se de carro ao meio-dia e chega-se a Curitiba na hora do jantar.

- Desde então o senhor se fixou em Foz e não mais saiu?

- Sim. Desde então (1954) moro em Foz. Sai depois do DER, montei uma firma de construção e fiquei por aqui. Trabalhei em construções até 1980. Já ensarilhei as armas, as ferramentas, e chegal Vou descansar, disse a mim mesmo.

- O senhor integrou a Força Expedicionária Brasileira que foi à Itália lutar contra o fascismo e o nazismo. Como foi isso?

- Por sinal, hoje (NR - esta entrevista foi feita em 6-6-94)

bomba sobre ela. Também dessa vez nada me aconteceu. Quando não é para morrer não se morre. E correr é pior.

- E a comida?

- Era fornecida pelos americanos. Não passamos fome. O fornecimento de comida e remédios era muito bom, cem por cento.

- O que era feito dos mortos?

- Eram recolhidos e enterrados no cemitério de Pistoia. Depois de não sei quantos anos foram transferidos para o Rio de Janeiro. Mas essa plaquinha eu não peguei, graças a Deus.

- Como receberam a notícia do fim da guerra? O que fizeram então?

- Voltamos ao Brasil. Para nós a guerra acabou no dia 8 de abril de 1945, mas oficialmente o fim foi no dia 8 de maio, com a rendição incondicional da Alemanha. Eu, porém, só regresssei ao Brasil em agosto. O transporte era feito pelos americanos, que também estavam com pressa de levar para casa seus soldados, por isso demorou nossa volta ao Brasil. Eu tive o privilégio de voltar de avião.

- Mas como foi essa história de que o senhor arrumou no campo de batalha a namorada com quem se casaria? Que força do destino foi essa?

- É verdade. Eu arrumei minha mulher no campo de batalha. Nosso agrupamento de infantaria esteve acampado, acantonado na fazenda da avó dela, a Juliana. Lá eu a conheci e começamos a namorar. Voltei ao Brasil e ela ficou lá, mas o namoro continuou. Casamos por procuração. O casamento foi celebrado na Catedral de Pistoia, com a noiva acompanhada por seu pai, que me

representou como procurador. Em seguida ela viajou para o Brasil. Eu a recebi no Rio de Janeiro e fomos a Curitiba, onde eu cursava o terceiro ano de engenharia.

- Bem, mas vamos falar de Foz do Iguaçu, de sua vida e suas obras nesta cidade?

- Trabalhei em construção, como engenheiro, inclusive para a Prefeitura. Fiz parte de tudo quanto foi conselho municipal. Também integrei o Conselho da Santa Casa durante muitos anos. Enfim, fui vivendo por aí...

- Com que prefeitos trabalhou na Prefeitura?

- Quando cheguei o prefeito era Guaraná de Menezes. Trabalhei com ele, com Dirceu Lopes, Emílio Gomes, o coronel Toledo e outros.

- Qual ou quais deles destacaria como bons prefeitos?

- Todos foram bons. Só os recursos eram mínimos. Foz do Iguaçu começou a viver mesmo, a progredir e ter alguma coisa com a chegada de Itaipu, com o prefeito Clóvis Cunha Vianna.

- Naqueles tempos, décadas de 50 e 60, ser prefeito de Foz era fazer um buraco aqui, abrir uma rua ali, tapar um buraco acolá...

- É... Abria uma estradinha, conservava o que estava feito.

- Pagava as professoras...

- Isso quando tinha dinheiro, porque às vezes nem para isso tinha.

- O senhor se envolveu em política alguma

comemoraram-se os 50 anos do Dia D, o famoso desembarque na Normandia das tropas aliadas para retomar a França do domínio das forças do Eixo (nazistas). Mas eu fui à guerra um pouco depois do Dia D. O primeiro contingente da FEB chegou a Nápoles, Itália, no dia 16 de junho de 1944, mais de um mês depois do Dia D. Eu era oficial de artilharia e servi na Itália durante oito meses, no front. Foi lá que conheci a Juliana, minha esposa há 50 anos.

- Como se deu sua incorporação à FEB e a ida à II Guerra? Fazia o serviço militar e foi convocado?

- Eu cursava engenharia na UFPR e já havia feito o curso do CPDR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva), do Exército, e fui convocado para a FEB. Fui como segundo tenente. Durante a guerra fui promovido a primeiro tenente e voltei licenciado com a patente de capitão.

- O que o senhor fazia na guerra? Qual era sua função?

- Era observador avançado de artilharia. Às vezes até instalava o posto de observação à frente da linha de fogo da infantaria. De lá eu comandava a linha de tiro contra o inimigo.

- Alguma vez o senhor escapou da morte por um triz?

- Várias vezes. Certa noite fui ocupar um observatório na maior escuridão. Assim tinha que ser porque as tropas alemãs estavam a duzentos metros. Para chegar ao observatório eu tinha que subir um morro. Enquanto subia os tiros pipocavam em minha direção, mas nenhum me acertou. Outra vez eu estava num observatório dentro de uma casa e caiu uma

vez?

- Não, nunca quis nem quero saber de envolvimento político.

- Como construtor, que obras construiu na cidade?

- Só construí casas e estabelecimentos comerciais - nenhum prédio ou grande obra, porque naquele tempo as construções tinham no máximo dois pavimentos. A construção de edifícios altos começou há 10 ou 15 anos.

- Não trabalhou na construção da Ponte da Amizade?

- Não. A firma construtora trouxe seus engenheiros. Eu só era amigo deles. Lá bater papo. Também me dava bem com a turma de Itaipu depois, mas eles lá e eu cá.

- Tem tido ligação com religião?

- Sou católico. Sempre respeitei e me dei bem com os padres. Aliás, cheguei aqui no dia da festa do padroeiro da cidade, São João Batista, em 1954. Justamente naquele dia a torre da Igreja Matriz rachou. Eu fiz parte de uma comissão que estudou o problema. O que ocorreu foi um pequeno afundamento do alicerce. Fizemos um reparo e a torre está em pé até hoje.

- Neste ano, 1994, então, faz 40 anos que o senhor chegou em Foz do Iguaçu. Não se arrependeu de ter ficado aqui?

- Não. Vai-se fazendo uma coisa aqui, construindo outra ali e acaba-se criando raiz. Aqui construí minha vida e minha família. As filhas casaram e moram aqui. Os netos também estão aqui...

Foz, braços abertos para o mundo

Algumas personalidades internacionais que visitaram Foz do Iguaçu e conheceram as Cataratas e a Itaipu Binacional. Esses nas últimas décadas, sucedendo, como já se disse nesta edição, a Alberto Santos Dumont, Eleanor Roosevelt, esposa do então presidente dos EUA, Franklin Roosevelt; os brasileiros Café Filho e Juscelino Kubitschek, o idealizador da Ponte da Amizade. E, entre outras estrelas, a atriz Catherine Deneuve, Roger Moore, um dos atores que imortalizaram a personagem do agente "007" no cinema e o cineasta Steven Spielberg.

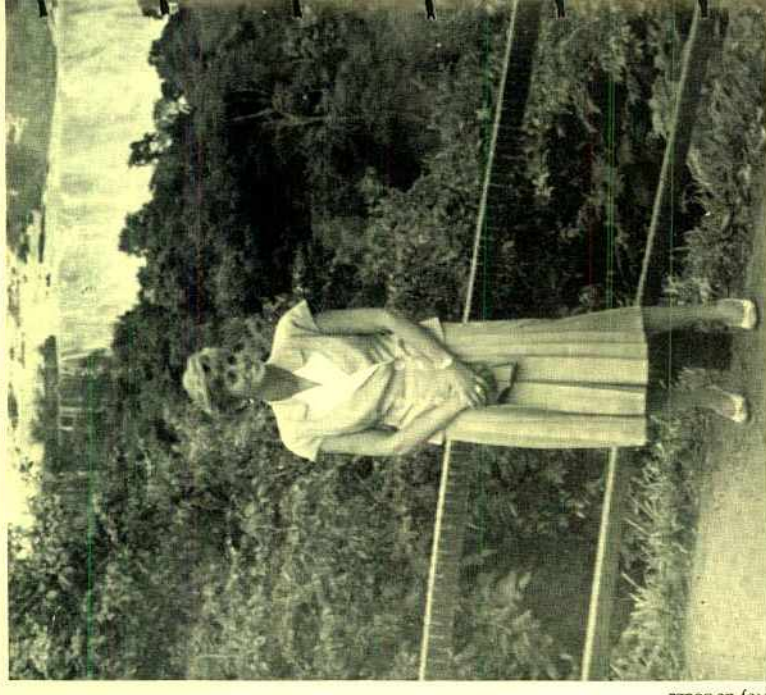
A partir do ano de 1980, segundo a Assessoria de Relações Públicas da Itaipu, estiveram em Foz do Iguaçu e visitaram a maior hidrelétrica do mundo, os presidentes Hamed Sekou Touré (República Revolucionária da Guiné), Marcos Peres Gimenez (Venezuela), Karl Carstens (República Federal da Alemanha), Forbes Burnha (Guiana), Fernando Belaunde Terry (Peru), Raul Alfonsín (Argentina), Arnoldo Lopez Echandi (segundo vice-presidente da Costa Rica), Rafael Leonardo Callejas (Honduras), Mário Soares (Portugal), Lech Walesa (Polónia).

Aqui estiveram também, o primeiro ministro da República Popular da China, Zhao

Ziyang; o vice-primeiro ministro do Iraque, Taha Yassin Hamadhan; o primeiro ministro da Espanha, Felipe Gonzalez; o primeiro ministro da Romênia, Petre Roman; o chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Kohl; o vice governador de Luanda, Angola, Sita Jose; o vice primeiro ministro da República da China, Zhu Rongji; o primeiro ministro do Japão, Ryutaro Hashimoto; o secretário geral do Conselho de Estado da República Popular da China, Luo Gan...

Da Inglaterra, a princesa Anne; da Espanha, a princesa Helena de Borbón; da Jordânia, o príncipe e a princesa Mohamad Bin Tala e Taghrîd Bin Tala; da Arábia Saudita, o príncipe Khaled Al Saud; da Tailândia, o príncipe herdeiro, Maha Vajiralongkorn; ainda da Tailândia, a princesa Sujarini Mahidol Ayuttaya e da Grã-Bretanha, sua alteza real, o Duque de Kent... Além dos presidentes dos países vizinhos e do Brasil, nas últimas três décadas.

Raríssimas cidades do mundo serviram de passarela para tão nobres e notáveis personalidades. Nossos braços continuam abertos para o mundo.



Ney de Souza

Realeza: Lady Di e as Cataratas do Iguaçu



Felipe Gonzales - na época Primeiro Ministro da Espanha - com o então presidente da Itaipu, Ney Braga, em visita à Usina

Assessoria de Imprensa/Itaipu



Lech Wałęsa, presidente da Polônia e esposa, com Lerner nas Cataratas



Nilton Rolin

Presidentes FHC(BR) e Menem(AR) posam para a imprensa nas Cataratas do Iguaçu



Áurea Cunha

O cantor Tony Bennett, entre o prefeito Harry Daijó e a esposa Lígia



Assessoria de Imprensa/Itaipu

O primeiro ministro da Alemanha, Helmut Kohl, planta uma árvore no Bosque dos Visitantes de Itaipu



Mara Oratz

Daijó cumprimenta o presidente Árpád Göncz (Hungria), sob o olhar da esposa Lígia e do governador Jaine Lerner



Mara Oratz

O prefeito Daijó e o prefeito de Indianapolis (Indiana/ EUA), Stephen Goldsmith em encontro social em Foz



Assessoria de Imprensa/Itaipu

O rei Carlos Gustavo e a rainha Silveia da Suécia em visita à Usina de Itaipu



Assessoria de Imprensa/Itaipu

O Primeiro Ministro do Japão, Ryutaro Hashimoto é recebido na Itaipu pelo diretor geral, Euclides Scalco



Mara Oratz

O Presidente da Finlândia, Martti Ahtisaari é recebido pelo Prefeito Harry Daijó



A princesa Anne, da Inglaterra, na Itaipu entre os diretores gerais Enzo Dobernadi



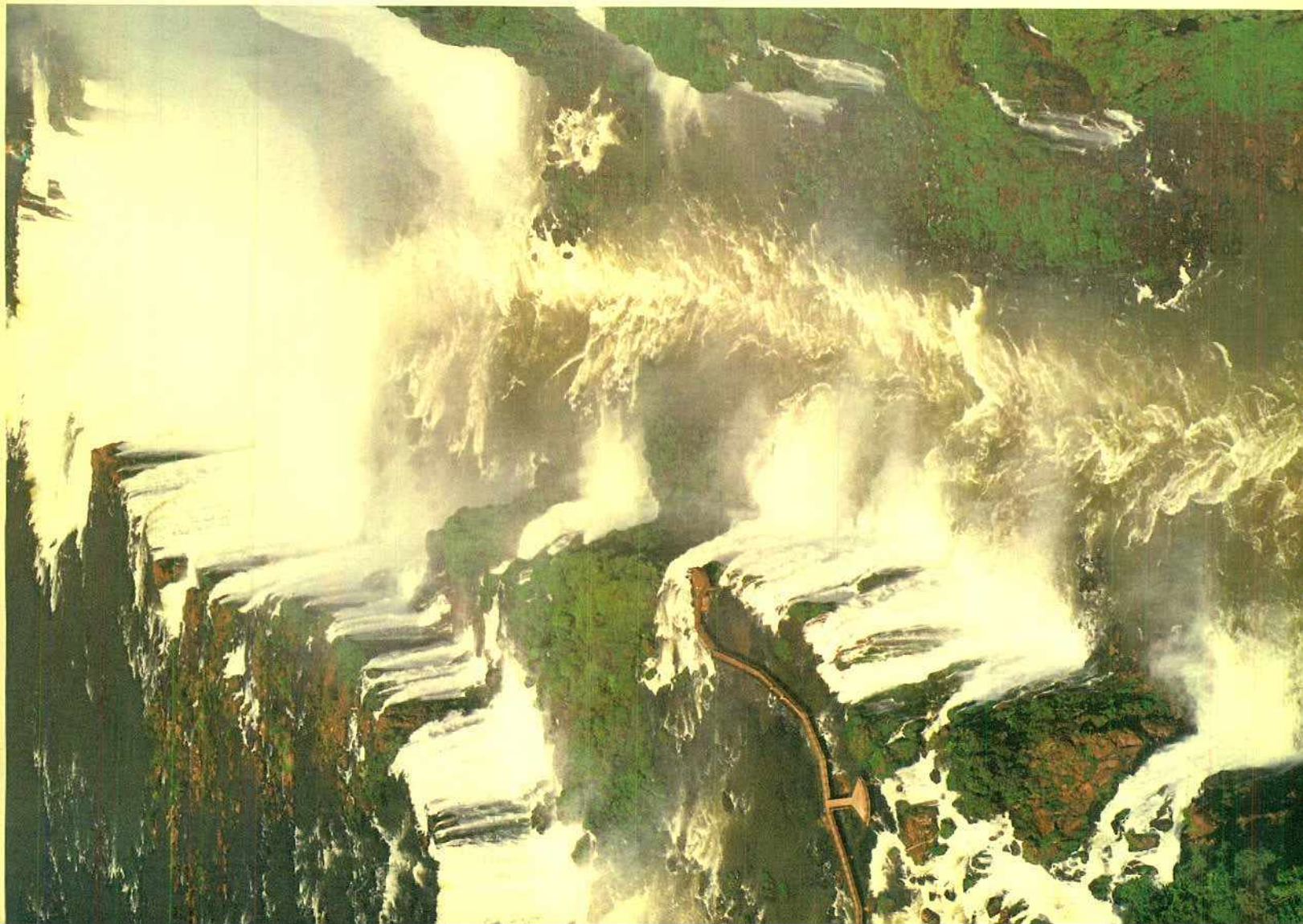
Assessoria de Imprensa/Itaipu

Boutros Ghali - então secretário geral da ONU, com assessores em visita à Usina de Itaipu



Nilton Rolin

Governador Jaine Lerner (PR) e os presidentes Menem (AR) e FHC (BR), nas Cataratas



Áurea Cunha



Ney de Souza



Ney de Souza



Ney de Souza

Vista aérea das Cataratas, em destaque o Hotel das Cataratas

Quedas do lado argentino

IGUAÇU

*Iguassu,
Iguazú...
Terra das Cataratas
Idioma universal
da Natureza*



Áurea Cunha

Vista aérea do fundo do Parque Nacional



Áurea Cunha

Mirante lado brasileiro



Áurea Cunha



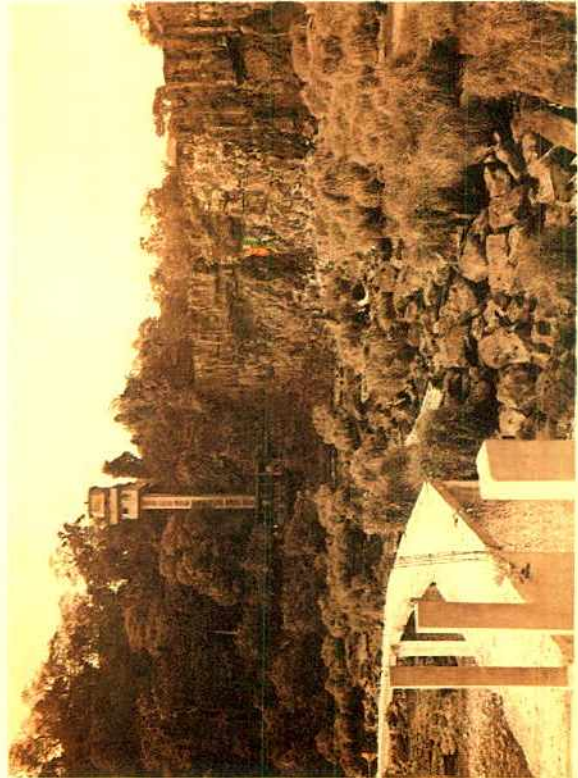
Joel Petroski

Salto Floriano, seca de 1977



Ney de Souza

Vista geral das Cataratas do Iguaçu



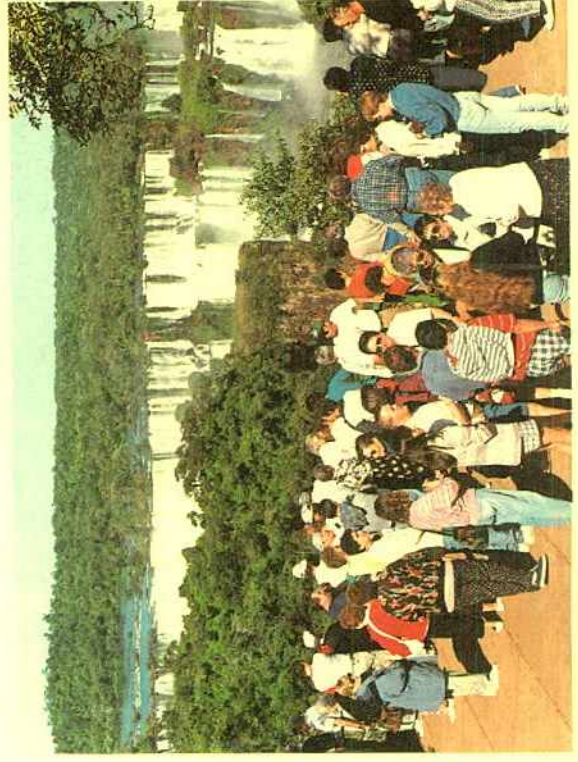
Joel Petroski

Seca de 1977



Aurea Cunha

Cannion do Iguaçu



Aurea Cunha

Turistas visitando o lado brasileiro das Cataratas

O 83º aniversário de Foz do Iguaçu coincide com a ascensão de um novo tempo para nossa cidade. Toda nossa equipe de governo, bem como a grande maioria da comunidade, se alimenta de uma crença inquebrantável de nossas potencialidades, capaz de suportar todas as adversidades.

Vamos gerenciar e resolver os problemas sociais, enquanto pormenorizamos um ousado plano de planejamento e desenvolvimento, com vistas ao ano 2.000 e a virada do milênio.

Nosso desenvolvimento será sempre planejado, buscando acima de tudo a qualidade de vida nesta terra magnífica, único lugar

do mundo com a maior hidrelétrica do Planeta e as maiores quedas d'água formadas pelas Cataratas do Iguaçu.

Confiança no futuro

Nossa cidade já superou várias crises e ciclos econômicos. É o epicentro do Mercosul, com um futuro grandioso nesta fase de globalização da economia.

Percorremos com satisfação as exportações crescerem 30%. Estamos vendo com otimismo o empresariado voltar a investir em nossa cidade - somente em maio tivemos a inauguração de quatro grandes empreen-

dimentos - e agora vamos voltar nossos esforços para reestruturar nossa atividade mais natural que é o turismo de lazer, ambientalista, de aventura e conhecimento.

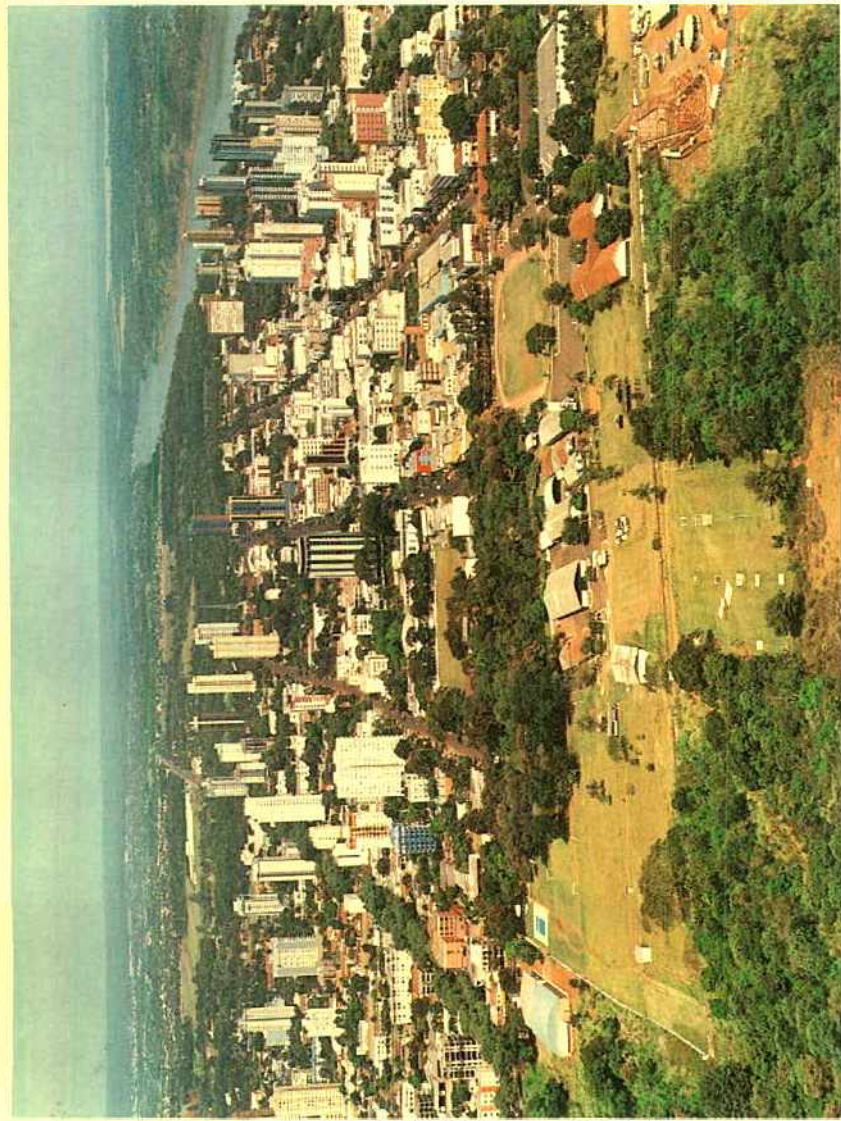
Temos o terceiro parque hoteleiro do país. O Parque Nacional projeta e inicia a construção de uma série de obras. A hidrelétrica de Itaipu passará a oferecer novos serviços de atendimento ao turista. O Marco das Três Fronteiras, onde se encontram dois grandes rios, formando a divisa de três países, passará por uma completa revitalização. O Centro de Convenções volta a ser reativado, enquanto buscamos recursos para a conclusão de suas obras que deverão coincidir com a

duplicação da Avenida das Cataratas.

Prossiguiremos a luta pela construção da segunda ponte com o Paraguai, criando um volume considerável de empregos e abrindo novas perspectivas para as relações comerciais entre os dois países. O Portal da Foz, em fase de construção, trará um novo redimensionamento na entrada de nossa cidade, reforçando nossa luta pela instalação da Área de Livre Comércio. A Estação Aduaneira do Interior - EADI - aniga aspiração de nosso empresariado do ramo de comércio exterior vai sair do papel com o novo relacionamento que iniciamos com as autoridades da Capital Federal.

Aurea Cunha





Aurea Cunha

Vista aérea da cidade com a área do 34º BIMTZ, em primeiro plano e o Rio Paraná ao fundo.

Aurea Cunha



Acima, o verde, cada vez mais presente no centro de Foz do Iguaçu. Ao lado, o centro, visto do Rio Paraná



Aurea Cunha

Um grande destino

A situação geográfica ou geo-política de Foz do Iguaçu é o passaporte seguro que nos torna a capital natural do Mercosul.

Essa posição nos leva à certeza de que aqui vamos construir um gigantesco porto de transbordo comercial. A implantação do sistema intermodal de transporte, com a hidrovía do rio Paraná ligando São Paulo - via Foz - à Baía do Prata. A Ferroeste já está a 150 quilômetros de Foz. Em pouco tempo chegará até nossa cidade. A vontade de nossos irmãos paraguaios tornará viável a ligação por trilhos até Assunção e depois a Antofagasta,

no Chile, possibilitando a tão sonhada ligação do Atlântico com o Pacífico.

Temos ainda três grandes aeroportos num raio de apenas 40 quilômetros, facilitando a interligação com o mundo e possibilitando transporte rápido para incremento do turismo de lazer, negócios e convenções.

Nosso sistema de comunicação dará um salto com o recente anúncio da Telepar em modernizar os equipamentos. Pleiteamos agora a implantação de um Teleporto para propiciar, num raio de 1.800 quilômetros, um encontro das capitais do Mercosul.

Toda essa estrutura incrementará o turismo e os negócios desta cidade e toda a

região, em breve tornada mundialmente conhecida através da realização dos Jogos da Natureza.

Esta visão futurista não é virtual, mas real e identificada inclusive nas palavras e depoimentos da maioria dos pioneiros entrevistados nesta publicação.

Para chegarmos a esse destino grandioso, poder público e iniciativa privada devem juntar as mãos e responder cada um por suas responsabilidades. O poder público melhorando a cidade, tornando-a bonita e acolhedora, funcional e segura. Ao setor privado compete a precmente requalificação e especialização da mão-de-obra, oferecendo

sempre os melhores serviços e produtos.

Tenho certeza que Foz do Iguaçu será o segundo município do Paraná na virada do Milênio. Uma história que há 83 anos nossos pioneiros começaram a escrever. Uma história que redigimos agora para que nossos filhos leiam e vivam com orgulho, num futuro bem próximo.

Foz do Iguaçu, junho de 1997

Harry Daijô
Prefeito



Áurea Cunha

Ponte Tancredo Neves, Brasil-Argentina



Áurea Cunha

Puerto Iguazú, Argentina (vista aérea)



Áurea Cunha

Marco das Três Fronteiras, Brasil. Os rios Iguaçu e Paraná unem os três países da fronteira



Áurea Cunha

Ponte da Amizade, Brasil-Paraguay. Ao fundo, Ciudad del Este



Áurea Cunha

Ponte da Amizade, ao fundo, a ilha Acaray



Mara Orlitz

Espaço das Américas na foz do rio Iguaçu

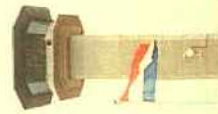


Zanella

Dourado, o "Tigre do Paraná"



Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu (BR)



Nilton Rolin



Aeroporto Internacional Guarani (Minga Guazú - PY)



Mara Graiz

Portal de Foz do Iguaçu (BR)



Áurea Cunha

Aeroporto Internacional de Puerto Iguazú (AR)



Assessoria DER

Ferrovia do Oeste (BR)



Áurea Cunha

UNIOESTE - Universidade do Oeste,
Campus de Foz do Iguaçu (BR)



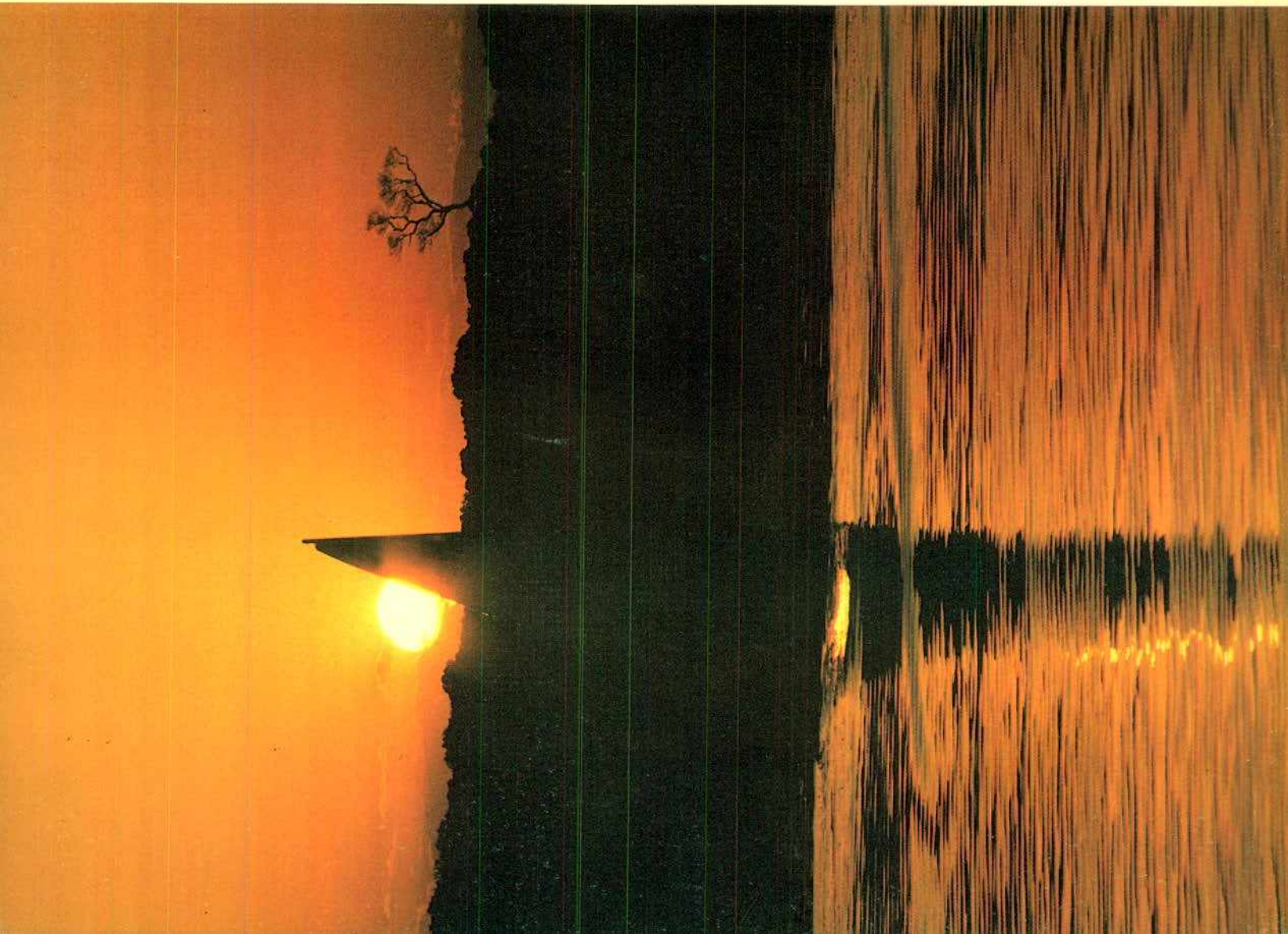
Mara Graiz

Centro de Convenções de Foz do Iguaçu (BR)



Áurea Cunha

Mesquita de Foz do Iguaçu, a maior da América Latina (BR)



Ney de Souza

Aurea Cunha

Portal de entrada do Parque Nacional do Iguaçu



Ney de Souza



Aurea Cunha

Ruínas Jesuíticas de S. Ignácio, na Argentina

O Quati "mascole" iguaçuense no cenário das Cataratas



Aurea Cunha

O Jet Ski, um dos esportes praticados no Lago de Itaipu



Aurea Cunha

Turista no Iguaçu Golf Club



A casa de máquinas da antiga Usina São João no Parque Nacional do Iguaçu



Vista aérea do Iguaçu Golf Club



Araras, no Parque das Aves



O borboletário recém implantado no Parque das Aves em Foz



Tuiuti, no Parque das Aves



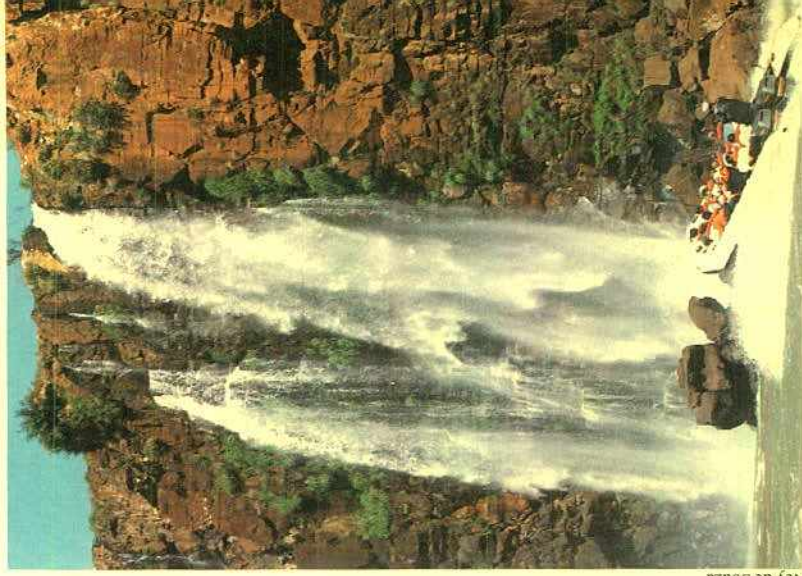
A elegância do tucano



Flamingos, no Parque das Aves



O passeio Macuco Safari leva os turistas até às quedas das Cataratas do Iguaçu



Ney de Souza

Mundo Animal



Assessoria de Itaipu

Família de cachorro vinagre (Refúgio Biológico de Itaipu)



Assessoria de Itaipu

Cervo-do-pantanal (Refúgio Biológico)



Aurea Cunha

Macaco-prego e um filhotinho (Mini-Zôo)

Neste roteiro de turismo ecológico, está o Refúgio Biológico de Itaipu, que abriga as variadas espécies da fauna regional, preservada por técnicos do Departamento de Meio Ambiente da empresa, salvando muitas delas da ameaça da extinção e depois devolvendo-as ao habitat natural. Muitos animais, inclusive, já se reproduziram em cativeiro.

Além do Refúgio de Itaipu, insere-se neste roteiro, o Eco-museu de Itaipu, o Mini-Zoológico Bosque Guarani e o Parque das Aves. Sem falar no Parque Nacional do Iguaçu, este santuário ecológico de preservação da fauna e da flora, e o seu Museu.

O pavão e sua nobreza, no Mini-Zoológico do Bosque Guarani



Aurea Cunha

Anta e seu filhote reproduzido em cativeiro, no Refúgio Biológico de Itaipu

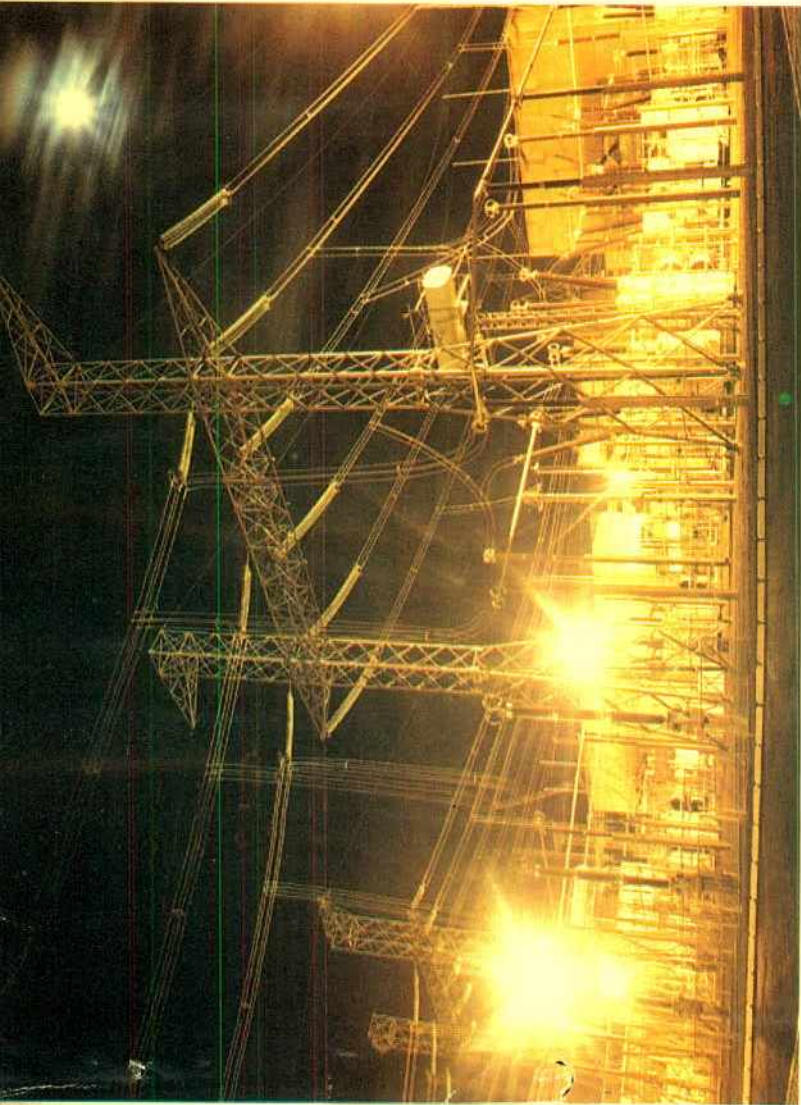


Assessoria de Itaipu



Assessoria de Itaipu

Urubu-rei no Refúgio Biológico de Itaipu



Panorâmica noturna da central de Furnas, Foz do Iguaçu



Aurea Cunha

Subestação de Furnas

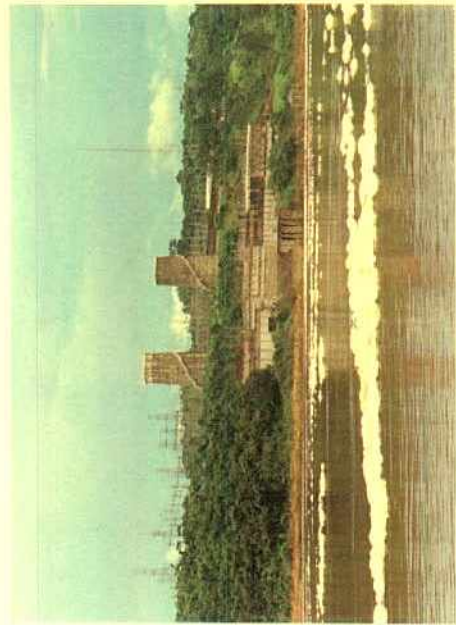


Sala de controle da usina de Itaipu



Assessoria Itaipu

Barragem da Hidrelétrica de Itaipu e vista parcial do Lago de Itaipu



Assessoria Itaipu

Usina Acaray - Ciudad del Este-PY

Complexo Hidrelétrico
Binacional de Itaipu

